



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS PETRÔNIO PORTELLA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA — PPGS/UFPI**

ERICA PATRICIA DE OLIVEIRA SANTOS

**PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO:
contribuições das pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação
de Sociologia-UFPI**

TERESINA-PI

2022

ERICA PATRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS

**PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA DE
GÊNERO: contribuições das pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-
Graduação de Sociologia-UFPI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, PPGS/UFPI, do Campus Universitário Ministro Petrônio Portella da Universidade Federal do Piauí - UFPI, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Rosângela de Souza

Coorientador: Prof^a. Dr^a. Gabriel Eidelwein Silveira

Área de concentração: Processos, Atores e Desigualdades Sociais

Linha de pesquisa: Gênero, sexualidade e geração.

TERESINA-PI

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e
Letras Serviço de Processos Técnicos

S237 Santos, Érica Patrícia de Oliveira.
Perspectivas dos estudos de gênero e violência de gênero : contribuições
das pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós- Graduação em Sociologia-
UFPI / Érica Patrícia de Oliveira Santos. --2022.

106 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Teresina, 2022.

“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Rosângela de Souza.”

1. Gênero. 2. Violência de gênero. 3. Dissertações PPGS-UFPI.
4. Estudos feministas. I. Souza, Maria Rosângela de. II. Título. CDD

ERICA PATRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS

**PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA DE
GÊNERO: contribuições das pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-
Graduação de Sociologia-UFPI**

Dissertação defendida e aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Rosângela de Souza (Orientadora e Presidente)
Universidade Federal do Piauí

Prof.^a Dr.^a Maria Dolores dos Santos Vieira (Examinada externa)

Prof.Dr. Francisco de Oliveira Barros Júnior (Examinador Interno)

Suplente: Francisco Mesquita de Oliveira (Examinador Interno)

LISTA DE SIGLAS

APCN	Aplicativo Para Propostas de Cursos Novos
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento
CCHL	Centro de Ciências Humana e Letras
CREAS.	Centro de Referência
COVID 19	Corona Vírus Disease 19
DCIES	Departamento de Ciências Sociais
DEAMS.	Delegacias Especializadas de atendimento a Mulheres
DiHuCi	Grupo de Pesquisa e Extensão Direitos Humanos e Cidadania
ENGENDRE	Núcleo de Estudos em Gênero e Desenvolvimento
IFARADÁ	Núcleo de Pesquisa sobre Africanidades e Afrodescendentes
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
LGBTQIA+	Sigla que denomina as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexual e assexuais.
LIS.	Laboratório de Investigação Social
NEC.	Núcleo de Estudos de Contemporaneidade
NEPES	Núcleo de Pesquisa em Estado Democráticos e Sociedade Contemporânea
NUPEC.	Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Crianças e Adolescentes
ONU.	Organização Nacional das Nações Unidas
PNPD.	Programa Nacional de Pós Doutorado
PPGS.	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
PTIA.	Programa Terceira Idade em Ação
UFPI.	Universidade Federal do Piauí
SARS-CoV-2	Nome dado a uma das variantes do vírus Covid-19.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Fonte: Mestrado de Sociologia.	41
Tabela 2. Fonte: Mestrado de Sociologia.	44
Tabela 3. Fonte: Mestrado de Sociologia.	49
Tabela 5. Fonte: Mestrado de Sociologia.	66
Tabela 6. Fonte: Mestrado de Sociologia.	57
Tabela 7. Fonte: Mestrado de Sociologia.	74
Tabela 8. Fonte: Mestrado de Sociologia	61

LISTA DE FIGURAS

IMAGEM 1. GRÁFICO	50
IMAGEM2. Palavras chaves	67
IMAGEM3. Palavras chaves	69
IMAGEM4. Palavras chaves	72

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela força e as capacidades mentais que ele me concedeu. Sou uma mulher sonhadora, cheia de propósito e tenho prazer em dar o meu melhor. Assim, ao iniciar este trabalho não foi fácil, pensei várias vezes se era isso mesmo que queria.

Este trabalho foi construído porque Deus, o meu criador, deu-me forças para conseguir continuar a cada momento que pensei em desistir, mas com muito suor, desespero, alegria, amor e ódio, eu continuei.

Estudar não é fácil, envolve dedicação e compromisso, e se decidir a estudar é um exercício de amor e vontade que vai mais além de sua força individual, mas que compreende um coletivo, como o desejo familiar. Portanto, esta dissertação, foi um desafio pessoal e coletivo, com minha orientadora, professora Dra. Maria Rosângela de Souza e meu coorientador, que solicitei no mês de dezembro, o professor Dr. Gabriel Eidelwein Silveira, que foram de extrema relevância para o andamento deste trabalho.

Agradeço aos meus familiares, Ana Tercia Saraiva de Oliveira, uma guerreira que buscou sempre o meu melhor juntamente com meu pai, Raimundo Nonato de Paula Santos, por estarem dispostos a apoiar e aconselhar-me nos momentos certos. Aos meus irmãos, Antônio José de Oliveira Santos, João Gabriel de Oliveira Santos e Paulina Cássia de Oliveira Santos, meu esposo Francisco Jardel da Silva Araújo, deu-me conselhos em alguns momentos que eu estava completamente sem motivação e cansada, foi um apoio motivacional.

A professora orientadora Maria Rosângela de Sousa, esta mulher é de grande importância na minha caminhada acadêmica, por me orientar desde a graduação, sempre esteve ao meu lado. Tenho admiração e respeito, pela professora Rosângela, conduziu-me pelo caminho do conhecimento científico. Exemplo de compromisso,

competência, olhar crítico, afeto e carinho, mostrando a importância de sempre dar continuidade aos estudos.

Não poderia esquecer desses professores e professoras da minha graduação que foram fundamentais, Prof. Dr. Francisco Mesquita, Prof. Dr. Celso de Brito, Prof.^a Dr.^a Márcia Leila de Castro, Prof.^a Mr.^a Maria Zenaide, Prof^o. Dr^o. Francisco de Oliveira Barros Júnior e a Professora Doutora Maria Dolores dos Santos Vieira.

Aos meus avós, Cosma Saraiva de Oliveira, João Saraiva de Oliveira, Antônia Lucia de Paula e Antônio de Oliveira dos Santos, estes mostraram a importância de analisar as realidades e sempre ter um olhar sobre as experiências vivenciadas, meus tios também foram essenciais.

Não poderia esquecer de minha amiga Jaqueline Nunes, essa menina de ouro, foi fundamental, ajudando durante toda a construção do trabalho, com revisão dos capítulos, dizendo o que deveria alterar e corrigir, mesmo diante do cansaço ela sempre esteve do meu lado ajudando-me a ter forças e paciência para continuar.

Gostaria de agradecer meus outros amigos que também foram essenciais como Abimael Gonçalves, sempre que possível lia meus textos e dando-me dicas na escrita, Carlito um amigo de extrema relevância, na adequação do trabalho conforme as regras da ABNT e na coerência do texto, as minhas melhores amigas Raynara e Crysthian. Estes nomes não estão escritos à toa, foram pessoas que estiveram sempre ao meu lado em momentos diferentes, alguns desses deixaram meus dias mais alegres em meio às dificuldades.

RESUMO

O presente trabalho adentra nos estudos e pesquisas do Programa de Pós-graduação de Sociologia — PPGS/UFPI, desenvolvidas por mestrandas/o inseridas/o na linha de pesquisa: Gênero, sexualidades e geração. As dissertações selecionadas analisam questões relacionadas aos estudos de gênero, especialmente as problemáticas sociais que evidenciam as violências de gênero e suas distintas manifestações em diferentes contextos. Nesta perspectiva, elaborei as seguintes questões norteadoras: Quais percepções e sentidos são atribuídos aos conceitos de gênero e violências de gênero nas pesquisas defendidas no período de 2014-2021 do PPGS/UFPI? Quais aportes teóricos-metodológicos são referenciados nas análises das problemáticas de gênero e violência das pesquisas selecionadas? Proponho como objetivo geral: Conhecer os procedimentos teóricos-metodológicos para análise dos sentidos e significados de gênero e violências de gênero atribuídos pelos autores e autoras das dissertações investigadas. E como objetivos específicos: 1) Revisitar estudos e teorias das principais abordagens das abordagens de gênero e violências de gênero; 2) Realizar um balanço das dissertações que evidenciam estudos sobre gênero e violências de gênero, através da análise dos temas e resumos; 3) Apresentar os principais marcos teóricos presentes nas dissertações analisadas relacionando-os aos estudos de gênero na atualidade. É um estudo qualitativo, tendo como base a pesquisa documental e bibliográfica, com ênfase na análise de conteúdo segundo Bardin (2011). A abordagem teórica está ancorada na perspectiva analítica das seguintes autoras: Joan Scott (1995); Raewyn Connell (2015, 2016); Heleieth Saffioti (2015); Judith Butler (2016) e Guacira Lopes Louro (1997). Portanto, os resultados da pesquisa contemplam os dados das dissertações defendidas por pesquisadores da linha de gênero, sexualidades e geração a partir de 2014 e demonstram os investimentos coletivos e pessoais dos professores e discentes comprometidos em fazer avançar os estudos sobre gênero e violência de gênero, considerando o campo de abrangência de atuação do PPGS/UFPI, assim como as demandas sociais que afetam essa área de conhecimento.

Palavras-chave: Gênero. Violência de Gênero. Dissertações PPGS-UFPI. Estudos Feministas.

ABSTRACT

The present work enters into the studies and research of the Sociology Postgraduate Program — PPGS/UFPI, developed by master's students inserted in the research line: Gender, sexualities and generation. The selected dissertations analyze issues related to gender studies, especially the social issues that show gender violence and its different manifestations in different contexts. In this perspective, I elaborated the following guiding questions: What perceptions and meanings are attributed to the concepts of gender and gender violence in the research defended in the period 2014-2021 of the PPGS/UFPI? What theoretical-methodological contributions are referenced in the analysis of gender and violence issues in the selected studies? I propose as a general objective: To know the theoretical-methodological procedures for analyzing the senses and meanings of gender and gender violence attributed by the authors of the investigated dissertations. And as specific objectives: 1) Revisit studies and theories of the main scholars of gender approaches and gender violence; 2) Carry out a balance of dissertations that show studies on gender and gender violence, through the analysis of themes and abstracts; 3) Present the main theoretical frameworks present in the analyzed dissertations relating them to gender studies today. It is a qualitative study, based on documentary and bibliographic research, with emphasis on content analysis according to Bardin (2011). The theoretical approach is anchored in the analytical perspective of the following authors: Joan Scott (1995); Raewyn Connell (2015, 2016); Heleieth Saffioti (2015); Judith Butler (2016) and Guacira Lopes Louro (1997). Therefore, the research results include data from dissertations defended by researchers in the gender, sexualities and generation line from 2014 and demonstrate the collective and personal investments of teachers and students committed to advancing studies on gender and gender violence, considering the scope of action of the PPGS/UFPI, as well as the social demands that affect this area of knowledge.

Keywords: Gender. Gender Violence. PPGS-UFPI Dissertations. Feminist Studies.

RESUMEN

El presente trabajo se adentra en los estudios e investigaciones del Programa de Posgrado en Sociología — PPGS/UFPI, desarrollado por estudiantes de maestría insertos en la línea de investigación: Género, sexualidades y generación. Las tesis seleccionadas analizan temas relacionados con los estudios de género, especialmente los temas sociales que muestran la violencia de género y sus diferentes manifestaciones en diferentes contextos. En esa perspectiva, elaboré las siguientes preguntas orientadoras: ¿Qué percepciones y significados se atribuyen a los conceptos de género y violencia de género en las investigaciones defendidas en el período 2014-2021 del PPGS/UFPI? ¿Qué aportes teórico-metodológicos se referencian en el análisis de los temas de género y violencia en los estudios seleccionados? Propongo como objetivo general: Conocer los procedimientos teórico-metodológicos para el análisis de los sentidos y significados de género y violencia de género atribuidos por los autores de las disertaciones investigadas. Y como objetivos específicos: 1) Revisar estudios y teorías de los principales estudiosos de los enfoques de género y la violencia de género; 2) Realizar un balance de disertaciones que muestren estudios sobre género y violencia de género, a través del análisis de temas y resúmenes; 3) Presentar los principales marcos teóricos presentes en las disertaciones analizadas relacionándolos con los estudios de género en la actualidad. Se trata de un estudio cualitativo, basado en investigación documental y bibliográfica, con énfasis en el análisis de contenido según Bardin (2011). El abordaje teórico está anclado en la perspectiva analítica de los siguientes autores: Joan Scott (1995); Raewyn Connell (2015, 2016); Heleieth Saffioti (2015); Judith Butler (2016) y Guacira Lopes Louro (1997). Por lo tanto, los resultados de la investigación incluyen datos de disertaciones defendidas por investigadores en la línea de género, sexualidades y generación de 2014 y demuestran las inversiones colectivas y personales de docentes y estudiantes comprometidos con el avance de los estudios sobre género y violencia de género, considerando el ámbito de acción de la PPGS/UFPI, así como las demandas sociales que inciden en esta área del conocimiento.

Palabras clave: Género. Violência de género. Disertaciones PPGS-UFPI. Estudios feministas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. REVISITANDO OS ESTUDOS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO.....	23
1.1 Situando o movimento feminista enquanto articulador de direitos.....	23
1.2 Gênero uma construção social para além dos sexos.....	28
1.3 Violência de gênero: um problema social.....	34
2. CONFIGURAÇÕES DAS PROBLEMÁTICAS DE GÊNERO NAS DISSERTAÇÕES DO PPGS/UFPI.....	45
2.1 Trajetória do Programa de Pós-Graduação em Sociologia — PPGS/UFPI.....	45
2.2 Configuração dos dados – visualizando as problemáticas.....	49
2.2.1 Apresentação das problemáticas em tabelas.....	53
3.1 Pontuando os estudos de gênero no contexto científico.....	77
3.2 Reapresentação dos temas, teorias e conceitos de gênero presentes nas dissertações do PPGS-UFPI.....	79
3.3 Situando os estudos a partir da abordagem da dissertação de Macilane Gomes Batista.....	90
3.3.1 Objeto de estudo.....	91
3.3.2 Principais bases teóricas.....	91
3.3.3 Metodologia e Eixos investigativos:.....	92
3.3.4 Por que a utilização desta metodologia?.....	92
3.3.5 A partir de que parte deste trabalho?.....	92
3.3.6 Como ela busca a compreensão dos sentidos?.....	92
3.3.7 Momentos importantes da pesquisa:.....	92
3.3.9 Visando.....	93
3.3.10 Coleta dos dados.....	93
3.3.11 Bases teóricas da metodologia.....	93
3.3.12 Cuidados:.....	94

3.3.12 Resultado.....	94
REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

A violência está presente em diversas sociedades e suas manifestações podem ser percebidas nas relações sociais em diferentes contextos históricos, produzindo graves impactos na sociedade e nos indivíduos. Em específico, a violência de gênero é um problema social complexo, decorre das relações de poder entre mulheres e homens, que têm com maior frequência o homem como o principal agressor.

É importante destacar que as questões envolvendo gênero persistem desde muitos anos, historicamente as relações entre homens e mulheres são desiguais, um dos motivos que me viabilizou estudar gênero e violência de gênero, buscando compreender os marcadores de gênero e papéis sociais padronizados e desiguais. As desigualdades constituem fatos sociais que nos cercam, seja no modo de vestir, na linguagem, na religião, ou no sistema monetário e uma infinidade de fenômenos do mesmo tipo.

Ao ingressar na universidade, no ano de 2016, foi um choque de realidade, com o ambiente acadêmico, passei a ver as relações de gênero com um olhar sensível sem julgamentos. Na verdade, nunca imaginaria que seria uma Cientista Social, meu interesse era pelas ciências da nutrição, entretanto foi necessário fazer uma escolha e escolhi as ciências sociais, com o passar do curso comecei a amar o curso, e hoje estou concluindo mestrado em sociologia.

A escolha do tema está relacionada a alguns aspectos da minha vida, por exemplo, ter sofrido abuso sexual, por meio da fala e não da efetivação da relação sexual e da minha vida religiosa, estas problemáticas foram de grande importância durante a minha graduação.

A universidade foi o local que se tornou meu refúgio durante 4 anos, onde encontrei apoio e conhecimentos sobre as questões de gênero, através da professora Mery Alves, professora do Departamento de Ciências Sociais, hoje aposentada. Ela ajudou-me a romper com o medo e falar sobre o que eu vivenciava em minha residência, desde outubro de 2010, persistindo até agosto de 2016 aproximadamente.

Muitos contextos emblemáticos viabilizaram meu interesse pelos estudos de gênero. Ao longo de minha trajetória vivenciei algumas situações constrangedoras e

desafiadoras, por ser mulher sempre fui cobrada a seguir um padrão “de menina”, que não podia sair à noite, nem usar roupas que chamassem atenção masculina.

Conforme descrito a minha vida foi muito complexa no quesito liberdade, principalmente, porque aos 14 anos de idade meu corpo estava se desenvolvendo, o quadril cresceu, logo chamou a atenção dos homens, vestir roupas justas era proibido. Porém, sempre tive algumas questões bem definidas na minha cabeça, não via e não vejo nenhum problema em vestir roupas curtas ou justas, porque vejo muitos homens andando na rua sem camisa, é normal.

Para alguns homens uma mulher vestida de roupas justas é para chamar a atenção e aflorar seus desejos. Conforme destaquei, a mulher se constrói enquanto mulher a partir dos papéis sociais impostos e padronizados, assim “gênero é uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e da cultura. É uma arena em que enfrentamos questões práticas difíceis no que diz respeito à justiça, a identidade e até a sobrevivência” (CONNELL,2015. p.25)

Portanto, para Connell (2015) gênero é também um assunto que compreende preconceitos. Assim, durante a minha infância fui ensinada a calar-me diante de um homem ou de qualquer adulto, até certo ponto, isto é importante sendo símbolo de educação. Por outro lado, crescemos com a ideia de que o homem é a figura central do lar e de outros ambientes sociais.

Sentir na pele está dominação masculino é horrível, ter sofrido abuso verbal resultou em traumas e dificuldades de relacionamento social. Não irei identificar o grau de parentesco e nem o nome do abusador, irei identificá-lo como ATO, este acompanhou todo o meu processo de desenvolvimento corporal e intelectual, seus desejos por mim foram ficando diferente, tinha o desejo de posse sobre mim, sem perceber comecei a ser privada da minha vida social, de passeios com amigos, atividades escolares entre outros. A primeira tentativa ocorreu em outubro de 2010, eu tinha 14 anos de idade, a tentativa se deu no quarto onde dormia eu e meus irmãos, foi horrível até hoje tento esquecer a cena e as palavras. Estava de vestido cinza sentada na beirada da cama, ATO me chamou e disse que queria conversar e iniciou dizendo que desejava fazer muitas coisas no sentido sexual comigo, depressa pensei logo em correr mais estava com tanto medo, acabei ficando paralisada, foi um choque, mas quando encontrei uma oportunidade corri.

O silêncio acompanhou-me por muitos dias, o ATO várias vezes passava a mão no meu corpo enquanto eu dormia, estava agasalhada e coberta, mas sentia suas mãos passando sobre mim, sentia um ódio muito grande por dentro, contudo não podia fazer nada, não tinha apoio de ninguém, a situação durou cerca de aproximadamente 6 anos.

Por muito tempo permaneci em silêncio, mas ao chegar na universidade iniciei um tratamento psicológico, que era oferecido aos alunos, passou-se alguns meses ouvi falar sobre leis e os estudos de gênero, assim a aproximação da professora Mary foi algo natural, por conseguinte foi se construindo uma relação de respeito e carinho o que possibilitou conversar abertamente sobre o trauma que eu vivência por muitos anos. Em meio ao processo de estudos sobre gênero, Mary já estava com seu processo de aposentadoria finalizado, ao receber a notícia fiquei preocupada, mas a professora Mary apresentou-me Maria Rosângela de Souza, uma professora incrível, cheia de vigor e sabedoria, que viabilizou reconhecer meus direitos no ambiente onde ATO estava, assim comecei a falar em polícia e leis para abusadores.

A problemática se agravou ainda mais porque éramos da igreja. No ambiente religioso aprendemos que devemos perdoar, mas infelizmente não temos uma borracha para passar na mente e esquecer de tudo. As questões de gênero nos rodeiam mesmo que sem a compreensão de muitos indivíduos, ao conhecer meus direitos foi possível alcançar a liberdade, ao falar em polícia e leis, viabilizou o fim das tentativas de abusos, mas somente fiquei tranquila depois do matrimônio e indo residir em outra casa com meu esposo.

Portanto, a linha de gênero, sexualidade e geração têm desenvolvido um trabalho em conjunto com professores e pesquisadores. Mas é preciso este conhecimento para ultrapassar os muros da universidade e adentrar as comunidades. Assim, integrar o mestrado de sociologia era uma oportunidade para avançar em conhecimentos teóricos e aprender cada vez mais, para ajudar outras mulheres.

Mas isso só foi possível ao longo das aulas, nas leituras, debates dos textos e discussões em sala e eventos diversos que participei. A rotina acadêmica possibilitou-me construir novos conhecimentos teóricos capazes de indagar a realidade a qual vivenciava. Desde criança gosto de jogar futebol, mas as construções sociais são extremamente normativas, não era e ainda não é “bem-visto” uma menina que gosta de jogar futebol, logo é apontada como “sapatão”. Segundo minha mãe “menina brinca

é de casinha", são esses dentre outros estereótipos motivos para que eu me dedicasse aos estudos de gênero e suas complexidades teóricas.

A jornada rumo ao mestrado se iniciou aproximadamente no mês de junho do ano de 2019, quando, cheia de determinação, decidi fazer minha inscrição na seleção do mestrado, mas com medo e cheia de dúvidas. Em conjunto com alguns amigos da graduação do curso de Ciências sociais, dediquei cada minuto que tinha a estudar na biblioteca da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Ao final da seleção fui aprovada e meu projeto de pesquisa era a continuidade dos estudos iniciados na graduação, tendo em vista a produção de monografia.

Um primeiro desafio a enfrentar, foi o comunicado do Programa da não existência de bolsas de pesquisas, devido aos cortes do governo federal que afetaram o ensino superior, especialmente os programas de pós-graduação em processo de consolidação. E como membro de uma família de baixa renda, eu necessitava muito da bolsa para me manter no mestrado e garantir mínimas condições de permanência na universidade. Mesmo considerando a falta de apoio financeiro da universidade resolvi prosseguir firme em meus propósitos e efetivei minha matrícula.

Logo no início do mês de março, após a recepção à 9ª turma pelos docentes e discentes do PPGS, fomos surpreendidos pela notícia da existência de uma pandemia que afetaria a vida de todos no planeta. Nesse sentido, tudo mudou com o vírus coronavírus (SARS-CoV 2) descoberto em 31 de dezembro de 2019, após casos registrados na China, provocando a doença chamada de COVID-19, que é uma infecção respiratória aguda. Causando uma pandemia¹ de grande escala e consequentemente levando ao isolamento social de toda a população mundial, destruindo famílias, em diferentes sentidos com a perda de familiares, amigos e empregos.

As mudanças nos modos de vida e nas relações sociais e intersubjetivas foram inevitáveis, inclusive o ensino na Pós-Graduação em Sociologia, precisou se adequar ao formato remoto, com novas disciplinas e dinâmicas virtuais, para alegrias de alguns e tristezas de outros. No meu caso, as leituras ficaram muito difíceis, todos os textos

¹ Em 11 de março de 2020, a COVID-19. O termo "pandemia" se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

foram compartilhados em PDF e as aulas on-line agravaram muito meus problemas de visão, por conta do uso excessivo do celular e notebook, acentuado ainda por falta de um local adequado em casa para os estudos e aulas remotas, todos esses aspectos terminou influenciando na redução de minha produção científica e na escrita de minha dissertação.

Outros problemas de saúde fizeram parte deste processo, em específico a descoberta de problemas ginecológicos, relacionados ao útero. As questões envolvendo a virgindade foram um tabu, sou uma moça evangélica de família conservadora, e ainda estava noiva do meu primeiro namorado e atual esposo. Até chegar o momento da cirurgia tive que tomar algumas decisões, foram várias conversas entre familiares, um processo doloroso de escolhas e descobertas no qual tive que escolher pela minha saúde. Este problema de saúde estava presente no meu corpo desde os 16 anos de idade, somente no dia 18 de outubro de 2020 fui submetida a uma cirurgia para retirada de um tumor benigno.

Durante o processo de recuperação todos de minha casa foram contaminados pelo coronavírus, os casos mais graves foram meu pai e minha mãe, minha mãe teve um agravamento nos rins, fez uma cirurgia, para a retirada da apendicite, no hospital pegou várias vezes infecção, no entanto, meu pai teve um princípio de Acidente Vascular Cerebral (AVC), um fator agravante é que ele fuma desde os 7 anos de idade, como consequência teve 70% do pulmão comprometido.

Na realidade tais complicações inviabilizaram em alguns momentos o andamento deste trabalho, sendo necessário solicitar mais três meses para a qualificação e mais um mês para a defesa da dissertação; não consegui cumprir com os prazos, tais fatores agravaram o meu desempenho estudantil: dificuldades para estudar em casa, aparelho de notebook com constantes defeitos, algumas vezes fiquei sem internet e doente. Logo, para o bom andamento dos estudos é necessária muita disciplina e em alguns momentos fiquei sem saber organizar-me.

O trabalho que escrevi considero como produto da nova mulher que os estudos sobre gênero me tornaram, com um novo olhar sobre a realidade social e suas múltiplas construções/desconstruções sobre gênero, assim como, compreender minha própria condição de jovem mulher, periférica, evangélica e agora professora. Deste modo, a escolha do tema sempre foi uma questão implicada nas minhas experiências e vivências.

A pesquisa, inicialmente, seria no Centro de Referência para Mulheres em Situação de Violência Esperança Garcia, tendo como ênfase o atendimento a mulheres que sofrem ou sofreram violência doméstica. Porém, em meio à crise sanitária do Covid-19, tive que optar por rever e buscar outros meios para melhor desenvolver minha dissertação, escolhendo uma metodologia exclusivamente documental e bibliográfica.

A mudança do tema foi algo importante a ser feito, em parceria com a professora, orientadora e amiga, Maria Rosângela de Souza, que durante esta caminhada seguiu ao meu lado sempre falando quais os caminhos a percorrer. Ao destacar a professora Rosângela, evidenciou a função desta mulher na minha vida, ela foi primordial para o bom andamento deste trabalho, mesmo que em alguns momentos, os conflitos se fizessem presentes, mas isto é natural do ser humano e das relações propositivas e afetivas.

Considerando as narrativas destacadas acima foi necessário mudar a temática e a metodologia planejada, assim o estudo foi reformulado e a pesquisa passou a ser bibliográfica tendo como referência as dissertações do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da linha de Gênero, Sexualidade e Geração. Neste sentido, a pesquisa visa analisar as Perspectivas dos estudos de gênero e violência de gênero, observando as contribuições das pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação de Sociologia-UFPI. Para tal delimitamos as dissertações defendidas entre os anos de 2014-2021, destacando suas problemáticas e suas abordagens teóricas.

Partindo deste pressuposto as questões norteadoras do trabalho são: Quais percepções e sentidos são atribuídos aos conceitos de gênero e violências de gênero nas pesquisas defendidas no período de 2014-2021 do PPGS/UFPI? Quais aportes teóricos-metodológicos são referenciados nas análises das problemáticas de gênero e violência das pesquisas selecionadas?

Desta maneira, os estudos de gênero, mas em específico o tema violência de gênero tem provocado uma profunda inquietação epistemológica e metodológica, dialogando com as perspectivas dos Estudos Feministas. É importante ressaltar que as discussões sobre violência de gênero têm maior visibilidade, refletindo como o

gênero se constitui na estrutura social e cultural, visando compreender os regimes de poder presente nas relações sociais.

Mediante o exposto, apresento como objetivos específicos: 1) Revisitar estudos e teorias das principais abordagens de gênero e violências de gênero; 2) Realizar um balanço das dissertações que evidenciam estudos sobre gênero e violências de gênero, através da análise dos temas e resumos; 3) Apresentar os principais marcos teóricos presentes nas dissertações analisadas relacionando-os aos estudos de gênero na atualidade.

A pesquisa qualitativa é de caráter documental e bibliográfico, com ênfase para a análise de conteúdo de Bardin (2016) é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivos validados e públicos para criar inferências de determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, que visa descrever, quantificar e interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequência ou contexto, com fonte de dados qualitativos.

Segundo Goldenberg (2000) a pesquisa qualitativa tem como principal instrumento a construção do conhecimento por meio de documentos, como por exemplo, os resumos das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGS/UFPI.

A pesquisa qualitativa tem como foco a análise por meio dos marcos teóricos, procurando obter uma grande quantidade de informações, visando assegurar de forma segura a análise dos dados, objetivando detectar interlocuções com os conceitos apropriados na construção do trabalho.

Concordando com Sá-Silva e Almeida (2009), que uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

É interessante perceber aspectos distintos entre pesquisa documental e bibliográfica, embora elas sejam complementares. O principal diferenciador a ser considerado é a natureza das fontes para organização dos dados. Assim, a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, observando as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental requer materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias.

Convém destacar quais fontes bibliográficas e documentais foram compondo meus instrumentos de pesquisa. Em relação à pesquisa bibliográfica destaco as dissertações da linha de gênero, sexualidade e geração defendidas entre 2014-2015 e subsidiaram a elaboração das tabelas analíticas, a partir dos resumos. E para a pesquisa documental, acionei relatórios do PPGS para a plataforma Sucupira, (relatório de 2019), Ficha de avaliação e Recomendações do PPGS – referente ao quadriênio 2013-2016, Relatórios de Gestão, especialmente relatório do seminário de avaliação “rumo a nota 4” do PPGS – 2018.

Além das dissertações e seus referenciais, outro passo no processo de construção da pesquisa foi revisar os estudos de gênero com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a temática. Daí organizei os textos e pensadoras que dialogam com as teorias presentes nas dissertações selecionadas.

Nestas perspectivas foram realizadas as leituras a partir de Joan Scott (1995) e Raewyn Connell (2015; 2016) que possibilitaram uma análise sobre o conceito de gênero. Para discutir sobre violência de gênero, sem desconsiderar violência contra a mulher e violência doméstica, Heleieth Saffioti (2015) é a base teórica principal destas temáticas, a partir de Judith Butler (2016) será evidenciado sua discussão sobre sexo/gênero e performatividade, segundo Butler (2016) a performatividade é um conceito que pode ser pensado como uma linguagem que funciona como uma forma de ação social e tem o efeito de mudança. Partindo deste pressuposto, Guacira Louro (1997) permitirá por meio de suas análises sobre os corpos educados, compreender suas construções enquanto reflexos das relações entre os gêneros.

Para construir a base teórica sobre feminismo utilizo Sardenberg (2018) para destacar as evoluções das lutas e conquistas feministas, para fazer um apanhado sobre as ondas (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021), acrescentará aspectos históricos sobre o papel da mulher ao longo do tempo na sociedade.

Este trabalho é constituído por uma introdução, onde irei destacar aspectos que influenciaram a construção desta dissertação, buscando fundamentá-la por meio da produção de três (3) capítulos e finalizando com uma conclusão.

O capítulo 1 intitulado “Revisitando os Estudos de Gênero e Violência de Gênero”, é constituído por três tópicos: no primeiro, um apanhado histórico de luta das mulheres, em específico do movimento feminista, no cenário internacional e brasileiro, a partir das três ondas; no segundo uma breve discussão sobre o conceito

de gênero, conceituando gênero como elemento constitutivo das relações sociais e poder (SCOTT, 1995; CONNELL, 2015), e tomando como referência teórica o terceiro tópico de Saffiot (2015) para fazer a discussão sobre violência de gênero.

O capítulo 2 “Configurações das Problemáticas de Gênero nas Pesquisas do PPGS- UFPI”, apresento de modo sucinto a trajetória e importância do Programa de Pós-Graduação em Sociologia-PPGS, por conseguinte a análise do corpus empírico, por meio da compreensão dos dados qualitativos: temas e problemáticas, organizados por meio de tabelas, de maneira mais específica análise dos dados entre os anos de 2014-2021, a coleta e organização das tabelas e dos dados ocorreram de novembro de 2021 a janeiro de 2022.

O capítulo 3 Apresentar os principais marcos teóricos presentes nas dissertações analisadas relacionando-os aos estudos de gênero na atualidade, neste capítulo destaco conceitos evidenciados nos resumos, para melhor distribuição da discussão teórica este capítulo é dividido em subtópicos, no tópico 3.1 Avanços nas construções teóricas sobre os estudos de gênero nas dissertações 2014-2022.

A aprofundar no tópico 3.2 Apropriação das teorias e conceitos de gênero nas dissertações do Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFPI, descrevo como ocorre a fundamentação por meio de conceitos das problemáticas abordadas nos resumos, por outro lado, no tópico 3.3 Destacando uma dissertação, evidenciando a pesquisa da egressa Macilane Gomes Batista, orientanda da professora Maria Rosângela de Sousa, defendida em 2017.

Para tanto, a pesquisa vem proporcionar a criação de novos conhecimentos científicos que reconheçam a importância, trajetória, e sobretudo as transformações das relações sociais e percepções dos estudos de gênero. Em suma, ao final deste trabalho apresento algumas considerações finais, assim como algumas sugestões, recomendações para se pensar nas rupturas e avanços sobre as percepções dos estudos de gênero, tendo como referência as pesquisas da linha de gênero, sexualidades e geração do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPI.

1. REVISITANDO OS ESTUDOS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Neste capítulo, são abordados estudos já consolidados que discutem as implicações entre os estudos de gênero e de violência de gênero, tomando como fundamento as violências contra as mulheres em diferentes contextos. A investigação se propõe compreender os pressupostos teóricos, Scott (1995), Connell (2015, 2016), Butler (2016), Saffioti (2015) entre outras estudiosas. Tais autoras suscitam aspectos sócio-históricos da sociedade, marcados pela hierarquização, discriminação e práticas normativas presente nas relações de poder entre os gêneros.

1.1 Situando o movimento feminista enquanto articulador de direitos

O movimento feminista buscou desde seus primórdios lutar por liberdade e igualdade de direitos, influenciado pela Revolução Francesa, no século XIX, por meio da Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, assegurou direitos somente aos homens, surgindo a indagação das mulheres sobre a igualdade de seus direitos.

Neste sentido, o feminismo busca construir um novo olhar sobre a mulher na sociedade, suscitando que a mulher era culturalmente vista, única e exclusivamente, confinada ao espaço privado, ou seja, “do lar”, submissa à figura masculina, podendo ser seu esposo ou pai. É relevante destacar que em alguns casos quando a mulher era casada, esta era tratada como mero objeto de procriação, vista como propriedade do homem, devendo-lhe obediência e subordinação (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021).

As mulheres eram oprimidas e escravizadas, exploradas, abusadas por homens. Posteriormente, o movimento feminista proporciona reflexões democráticas e modernizadoras da cultura e dos costumes nas sociedades, assim a trajetória histórica da posição ocupada pelas mulheres na sociedade é constituída por rupturas, ousadia e força. O rompimento com o silêncio acerca dos abusos e violências sofridas possibilitou um novo olhar sobre o papel exercido pelas mulheres em vários âmbitos sociais, viabilizando emergir reivindicações do espaço social feminino.

Pode-se dizer que o movimento feminista, em geral, é marcado por momentos históricos, desde as primeiras reivindicações das mulheres nos Estados Unidos, como na Europa, o movimento possui um ritmo de fluxo e refluxo comparado às ondas, a sociedade vivenciou momentos em que as mulheres eram submissas, momento de calma, mas de repente as ondas fortes de questionamentos e lutas submergiram (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021).

A primeira onda ocorreu no século XIX, tendo como principal ênfase a busca pelos direitos, para alcançar igualdade com os homens, cientes que conseguiram por meio da educação e de uma relação simétrica no casamento. Estas reivindicações se configuravam com o momento histórico do Renascimento, logo, com o avanço da Modernidade, o movimento reivindicatório emergiu pautado em ideias complementares. A modernidade trouxe uma nova forma de compreender e reivindicar direitos que diferem do Renascimento, porque ampliam as reivindicações legais e jurídicas inclusive no contexto educacional, social e político, direitos reservados somente ao gênero masculino (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021).

A primeira onda foi realizada por mulheres brancas e pertencentes a elite, objetivavam adquirir direitos iguais aos homens, como aprender a ler e escrever, tais concepções se dava devido à educação ser diferente em relação aos homens, e no casamento observavam a submissão imposta pela sociedade sexista. A ideia de casamento era de ter uma mulher para servir ao homem em todos os aspectos, inclusive sexualmente.

Desta maneira, as demandas das mulheres pertencentes a classe média também existiam, mulheres trabalhadoras e proletárias, tinham como principal demanda, a igualdade salarial em comparação aos homens.

No contexto brasileiro na década de 30, ocorreu a busca pelos direitos políticos e as reivindicações feministas pelo direito ao voto e ser votada, assim como do ingresso nas instituições escolares e principalmente no mercado de trabalho, foram frutos de muitas lutas por direitos.

A segunda onda feminista inicia aproximadamente na década de 60. Frente a isso, a segunda onda parte de uma perspectiva que a igualdade aos homens ocorreu apenas perante a lei, no papel, na prática, isso não ocorria. Neste período o movimento estava preocupado em compreender por que ainda existe submissão das mulheres, e se de fato as mulheres eram submissas aos homens, sendo este o motivo de não alcançarem na prática a igualdade? Então surgem vários outros questionamentos sobre a ideia de mulher e feminilidade. Surgem três principais pensadoras: Simone de Beauvoir, Carol Hanisch, e Betty Friedan.

Na metade do século XX acontece a publicação do livro de Simone de Beauvoir, "O segundo sexo", denunciando as desigualdades entre homens e mulheres no âmbito social e cultural. Simone de Beauvoir, nessa obra, destaca-se pela célebre

frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980), ou seja, ser mulher é uma construção social e como tal pode ser desconstruída.

Betty Friedan desempenhou um papel fundamental na reativação do movimento feminista norte-americano nos anos 1960. Em seu livro *Mística feminina*, publicado no ano de 1963, conforme De Oliveira (2006) Friedan descreveu as frustrações que vitimam as mulheres educadas de classe média, confinadas à domesticidade.

Assim, apesar da má acolhida inicial, sua obra, que foi marcante, culpava educadores, publicitários, psicólogos e cientistas sociais pelo afastamento feminino da força de trabalho e da vida pública, tornou-se um *best seller* na América, tendo impacto internacional e tornando-a uma autora ícone da nova onda feminista. Por fim, outra importante pensadora americana foi Carol Hanisch, conhecida pela frase “O pessoal é político”, esta pensadora apresenta fatos sobre a vida e as formas de expressar as opressões vivenciadas dentro de seus próprios lares.

A relevância do pensamento dessas autoras viabilizou a criação de um movimento social, visando trazer novas concepções de mulher, de seus direitos e valores, dizendo não aos paradigmas tradicionais machistas. Tendo em vista, que as novas reestruturações, no ano de 1970, o movimento feminista tornou-se internacional, anos mais tarde em 1975 é marcada a Primeira Organização Mundial sobre as Mulheres, na cidade do México, o qual foi Declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU), declarado o Ano Internacional das Mulheres, fortalecendo as lutas das mulheres feministas (SARDENBERG, 2018).

Para tanto, segundo Adrião (2011) os encontros das feministas contribuíram para o desenvolvimento interno do movimento feminista no Brasil, realizando encontros de mulheres, possibilitando a organizaram das primeiras ONGs que lutavam pelos direitos das mulheres no país.

Por outro lado, a terceira onda traz as diversidades femininas, no ano de 1990 com demandas, em conjunto com os movimentos feministas: negro, homossexuais, lesbianismo, transexuais entre outros. Deste modo, os avanços são notáveis, surgindo a Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, ano seguinte foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres com a finalidade de articular políticas públicas voltadas para o atendimento às mulheres e suas particularidades.

Na atual conjuntura as mulheres alcançaram a liberdade de expressão e pensamento, acesso à democracia por meio do direito de voto e ser votada, assumir cargos importantes no legislativo, judiciário e executivo, trabalhos em diferentes áreas como: pedreira, advogada, judiciária, motorista e até mesmo engenheira entre outras.

Diante do exposto foi através de um duro e doloroso percurso de enfrentamento de discriminação, segregação, violência, ou na maioria das vezes inferiorizadas por ideias machistas, de que o lugar da mulher é no ambiente doméstico cuidando do lar e dos filhos. Conseqüentemente, este movimento ganhou maior visibilidade através de lutas e reivindicações do movimento feminista.

Contudo, a partir do ano de 2010 surgiu a quarta onda, não se tem um consenso conforme Castro (2020), esta emergiu movida pelo ativismo virtual ou chamado ciberativismo, trazendo a diversidade feminina, ingresso da intencionalidade e mobilização coletiva. A partir do pensamento de Castro (2020) estas manifestações reúnem-se através das redes sociais, para tal o pessoal vai se engajando para determinada ação.

As redes sociais como: Facebook, WhatsApp, Instagram, “blogs”, sites, YouTube e outros meios de comunicação via internet permitem a disseminação da informação de forma mais rápida, o que viabilizou de fato o movimento feminista ampliar os estudos de gênero e mobilizar políticas para mulheres, nas redes sociais, sendo viável a organização de ações, reuniões, manifestações, protestos e divulgação dos resultados das ações. Conforme contexto a interseccionalidade de acordo com Kimberle Crenshaw (2002, p. 177)

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Ao denunciar várias formas de opressão, a interseccionalidade coloca em discussão a opressão e subordinação das mulheres. Tais concepções têm como centralidade a liberdade integral, incluindo a libertação de preconceitos de: raça, gênero, classe e por extensão o sistema capitalista, desta maneira, ocorre uma ampliação dos ideais e lutas da terceira onda.

A interseccionalidade busca difundir e alcançar o maior número de pessoas para combater o racismo, homofobia, lesbofobia e LGBTQIA+fobia. Desta forma, com o avanço digital, tem sido viável transmitir informações que viabilizam receber denúncias de casos de preconceitos e violências.

Para tanto, as diferenças no tocante aos gêneros, são constantemente observadas no dia a dia, conforme o contexto social, as mulheres estão inseridas, essas diferenças compõem a trajetória do conceito de gênero, elaborado e reformulado em momentos históricos diferentes.

Não podemos desconsiderar que algumas instituições sociais primárias, como no caso da família e da escola, onde são apreendidos comportamentos e ações reproduzidas nos espaços sociais (socialização).

O movimento feminista desconstruiu a ideia corrente de que o aparato sexual era inerente à natureza das mulheres e dos homens colocando as concepções acerca dos sexos fora do âmbito biológico e as inscrevendo na história. Por sua vez, desconstruiu a ideia de que a violência contra a mulher está ligada aos significados atribuídos, de modo essencializado, à masculinidade, à feminilidade e a relação entre homens e mulheres em nossa cultura. (BANDEIRA, 2014, p. 449).

Desta maneira, o movimento feminista desde muitos anos tem travado lutas e alcançado conquistas, compreendendo enfrentamento de resistências políticas, patriarcais e culturais, sem desconsiderar as desigualdades de gênero. As mulheres, ainda são vítimas de violências e na maioria das vezes são assassinadas por seus companheiros ou ex-companheiros. Em síntese, a sociedade impõe uma estrutura social de gêneros, diferenciando homens e mulheres, com atribuições culturais tradicionais a partir de uma visão patriarcal.

Ao reconhecer que o movimento feminista na sua essência não se caracteriza em substituir os papéis com os homens ou sobre o gênero masculino, mas em defender os direitos das mulheres e combater as desigualdades. As construções do conceito de gênero serviram e servem para legitimar os estudos feministas no meio acadêmico. Scott (1995) compreende gênero de modo a fornecer meios de decodificar e significar as complexas formas de interação humanas, deste modo, “o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais.” (SCOTT, 2015, p. 75).

É relevante salientar que o homem se constitui enquanto homem, rodeado por uma porção de paradigmas perceptíveis nas construções culturais. Segundo Connell:

Questões de gênero dizem respeito tanto aos homens quanto às mulheres. Hoje, há uma extensa gama de pesquisas sobre masculinidade, paternidade, movimentos de homens, violência entre homens, educação dos meninos, saúde dos homens e seu envolvimento na construção da igualdade de gênero. Nós entrelaçamos esse conhecimento no quadro geral do conhecimento sobre gênero (CONNELL, 2015, p. 26)

A construção do papel social do “ser homem” é forte, logo este “não chora”, construindo a ideia de que homem não tem sentimentos, “se cair tem que levantar e engolir o choro”. “Os homens estão desproporcionalmente envolvidos em situações de violência parcialmente porque são preparados para isso” (CONNELL, 2015, p.35).

Na realidade, é na primeira instituição social, a família, onde aprendemos e criamos hábitos, condutas, sejam boas ou ruins, que irão refletir na vida social, “mesmo que os padrões de criação das crianças variem entre culturas” (CONNELL, 2015, p.35)

Frente a isso, os diferentes momentos históricos do movimento feminista viabilizaram avanços nos estudos de gênero, através de lutas e reivindicações que têm colaborado para a criação e efetivação de direitos sociais, políticos e civis das mulheres.

Em suma, o cenário atual brasileiro vem sendo palco de discussões por parte de grupos tradicionais e conservadores que desaprovam e deslegitimam qualquer abordagem relativa a gênero e sexualidade em diferentes espaços e ambientes sociais.

A atual conjuntura política tem como políticas de governo proibir nas escolas de ensino fundamental a “ideologia de gênero”, esta expressão é alvo de desconfiança de educadores e pesquisadores, o uso do termo para desinformados em específico a classe política, tem impedido avanços na igualdade de condições entre homens e mulheres, e nos direitos para LGBTQIA+. Em suma, a seguir no próximo tópico esclarecerei o conceito de gênero por alguns referenciais teóricos.

1.2 Gênero uma construção social para além dos sexos

A princípio, gênero é uma categoria analítica que possibilita a compreensão dos indivíduos a partir de pressupostos não hegemônicos, presentes nas sociedades modernas, “gênero é uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e culturais” (CONNELL, 2015, p. 25) e que geralmente prescrevem padrões de

masculinidades e feminilidades em consonância com as estruturas sociais e culturais às quais estão inseridos.

Nos estudos feministas, as categorias analíticas de compreensão das relações entre os sexos, num primeiro momento, se deram através do que ficou conhecido por estudos de mulheres, posteriormente por estudos de gênero. Somente na segunda onda do feminismo é inserido as discussões sobre gênero, nas universidades e escolas, foram introduzidas questões sobre o papel da mulher na sociedade.

Na década de 60, o termo gênero se faz presente na área da saúde, introduzido pelo psicanalista estadunidense Robert Soller, no Congresso Internacional em Estocolmo no ano de 1963, evidenciando o modelo de identidade de gênero. Anos mais tarde 1968 Stoller lança o livro *Sex and Gender*, onde ele formulou o conceito de identidade de gênero para melhor diferenciar entre natureza (sexo) e cultura (gênero).

Diante disso, por volta de 1970 as formulações do conceito de gênero tiveram impacto na teoria social do pensamento feminista, visto que esse movimento social lutava para que as mulheres tivessem direitos iguais aos homens. Deste modo, “as feministas utilizaram a ideia de gênero como diferença produzida na cultura, mas uniram essa noção à preocupação pela situação de desigualdades vividas pelas mulheres” (PISCITELLI, 2009, p. 125).

O termo gênero, em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para demonstrar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a mulheres e homens são consideradas inatas, derivados de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças. Na linguagem do dia-a-dia e também das ciências a palavra sexo remete a essas distinções inatas, biológicas. Por esse motivo, as autoras feministas utilizam o termo gênero para referir-se ao carácter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade (PISCITELLI, 2009, p. 119)

A categoria gênero se entrelaça a (raça, etnias, classe, idade, orientação sexual etc.) produzindo hierarquias, presentes nas relações sociais assimétricas e desiguais em comparação às relações de poder. Para além, o termo gênero é utilizado também “para sugerir que qualquer informação sobre os homens, que implica o estudo do outro” (SCOTT, 1995, p. 75), assim, reconhecendo gênero como uma categoria analítica relacional, utilizado para designar as construções culturais em torno das relações produzidas entre os sexos.

No caso das representações binárias, gênero inclui uma análise das concepções políticas bem como uma referência às instituições e à organização social. Assim, incluía a visão de parentesco, mercado de trabalho, a educação, o sistema político, entre outros que sustentam as relações sociais contemporâneas.

O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente, ele é construído igualmente na economia e na organização política, que, pelo menos em nossa sociedade, operam atualmente de maneira ampla independente do parentesco. (SCOTT, 1995, p. 87)

Para tanto, o termo gênero serviu para legitimar os estudos feministas no meio acadêmico, ganhando reconhecimento. Conforme a pensadora feminista Connell “gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais.” (CONNELL, 2016, p. 48).

O conceito de gênero para Connell (2015) seria uma estrutura dentro das relações sociais, sendo multidimensional, por outro lado, segundo Scott (1995) é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos através das “construções sociais”, sublinha o fato de que as relações são construídas.

Os significados atribuídos às relações de gênero estão relacionados com os vários aspectos, como a cultura e o contexto social, onde os indivíduos estão inseridos, como, por exemplo, o político, onde “gênero constrói a política e a política constrói o gênero” (SCOTT, 1995, p. 98)

No sentido tradicional, a política e o poder possuem fortes domínios na sociedade de forma que “o gênero tem sido utilizado literal ou analogicamente na teoria política para justificar ou criticar o reinado de monarcas e para as relações entre governo e governantes.” (SCOTT, 1995, p. 89). As estruturas hierárquicas são parte crucial da organização da igualdade e desigualdade de gênero, explícitas entre gênero e poder. Scott (1995) argumenta que,

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo de definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento construtivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (1995, p. 86)

É essencial pensar o poder desde as suas múltiplas significações, por estas significações serem constituídas em diferentes contextos históricos, tais concepções compreendem as igualdades e desigualdades, se articulam com as questões de gênero que perpassam os padrões sociais.

Para a melhor compreensão das questões relativas a gênero, é fundamental observar as diversas esferas da sociedade, incluindo atribuições dos espaços sociais diferenciados para homens e mulheres, infelizmente as mulheres acabam sendo inferiorizadas e menos valorizadas em comparação às atribuições culturais aos homens em diversos âmbitos sociais como familiar, escolar e religioso.

Logo, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais, também se fundamenta sobre as diferenças percebidas nas relações de poder, o que não deixa de ser uma construção sócio-histórica que envolve os sexos. Desta maneira, Scott (1995) considera que existem diferenças entre os corpos sexuados, mas o que a autora enfatiza são as formas como se constroem os significados culturais para essas diferenças, que acabam se posicionando em relações hierárquicas, a exemplo, das questões trabalhistas.

Ressalto, que o termo gênero passou por um processo de construção de significados, relacionado com a gramática e a língua de cada país. As definições referentes à gramática podem estar vinculadas às particularidades culturais, linguísticas e à organização gramatical, que funcionam como regulador de diferenças entre homem e mulher, a exemplo dos pronomes. Para Connell (2015) a língua importa, mas não fornece um arcabouço consistente para compreender o gênero.

Em alguns países como na Alemanha o nome *de Frau*, define mulher a figura feminina, por outro lado, *das Madchen (a garota)* é utilizado como artigo neutro, assim neste país todas as palavras com diminutivos são neutras. Na China e Japão não existe distinção de gênero na forma das palavras, isso depende do uso da língua (CONNELL, 2015).

Os discursos sobre gênero perpassam a gramática e a linguística, mas também envolvem os sistemas culturais e as estruturas sociais. “Define-se gênero como diferenças sociais ou psicológicas que correspondem a essa divisão, sendo construídas sobre ela ou causadas por ela.” (CONNELL, 2015, p. 46). O gênero persiste e compõe as diferenças entre os sexos, não se pode dividir a vida humana

em dois caracteres ou esferas, essas divisões entre homem e mulher, é perceptível nos comportamentos regulados pelas estruturas sociais.

Ao longo de minha trajetória, enquanto mulher e ser social, fico a refletir as mudanças nas estruturas sociais que resultam de fatores culturais, políticos, econômicos, religiosos que intervêm nas diversas dimensões da sociedade, dando-lhe outro sentido. As questões de gênero compreendem o “ser contemporâneo”, resumidamente seria o “estar no mundo”, isto significa destacar inclusive as formas de se comunicar entre os gêneros e suas diferenças.

Partindo de outro pressuposto, as diferenças naturais entre homens e mulheres, em aspecto anatômico, podem ser vistas desde o processo de fecundação durante a relação sexual. As diferenças entre os sexos não são apenas biológicas, mas sociais, por meio de padrões culturais, podem ser expressos na diferença dos corpos. Logo, “o gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais.” (CONNELL, 2015, p. 48)

A organização da estrutura social compõe as atribuições que podem ser individuais ou coletivas, a constituição das identidades compõe os padrões de gênero que são definidos conforme o contexto cultural que variam nas próprias relações de gênero.

O poder das estruturas na formação da ação individual faz com que o gênero quase sempre pareça não se transformar. No entanto, os arranjos de gênero estão sempre mudando, conforme as práticas humanas criam novas situações e as estruturas se desenvolvem tendendo a crise. Por fim, o gênero teve um começo e pode ter um fim. (CONNELL, 2016, p. 49).

O pensamento de Connell (2016) sobre gênero diz respeito ao jeito como as sociedades lidam com os corpos humanos e sua continuidade e as consequência desse lidar, para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo. O corpo não pode ser deixado de lado, como se esse fosse apenas um produto de construções sociais, nem primazia a biologia.

De acordo com o pensamento de Connell (2015) a sociedade possui uma visão conservadora sobre o corpo, com os processos que constituem o ser humano, de maneira que o corpo é uma arena composta por processos sociais.

Tomando como referência, Scott (1995) trata gênero como categoria analítica, o que significa admiti-la na sua dimensão relacional, gênero como construção social

entres os sexos e por fim campo primordial onde o poder se articula. Por conseguinte, o pensamento de Butler (2016) é que gênero se reitera na afirmação das relações entre os sexos por meio da “performatividade”, em que as diferenças se afirmam conforme o contexto cultural dos indivíduos, considerando suas subjetividades.

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam inequívoca a noção singular de identidade” (BUTLER, 2016, p. 23)

Assim, "as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva não é a mesma coisa que afirmar que o discurso causa a diferença sexual” (BUTLER, 2016, p. 153). Quando o assunto é gênero, sexo não pode ficar de fora porque o sexo é um ideal regulatório, ou seja, não é somente norma mais compreende práticas regulatórias reproduzidas nos corpos os tornando controlados.

Portanto, se o sexo é um ideal regulatório cujo a materialização é imposta, é relevante fazer algumas reflexões, como por exemplo, como se constrói a materialização dos sexos conforme os gêneros, de acordo com a performatividade dos corpos, de maneira específica se materializam o sexo do corpo, o que se afirmar na diferença “sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2016, p. 154).

Sendo assim, o corpo feminino é abordado como objetificação, submissão e propriedade dos homens que naturalizam, “o corpo culturalmente construído será então libertado, não para seu passado “natural”, nem para seus prazeres originais, mas para um futuro aberto de possibilidades culturais” (BUTLER, 2016, p.164). Mas é importante destacar que a construção científica possui sua parcela de influência sobre as desigualdades entre os corpos femininos e masculinos, o que culmina na dominação dos corpos no contexto sociocultural.

A vista disto, a construção da individualização dos corpos compreende o domínio da subjetividade, trata-se de um corpo sujeito, refiro-me ao corpo sujeito às imposições sociais, corporais e os marcadores interseccionais: religião, raça/etnia e geração. Tais marcadores seguem um enquadramento sendo concebidos e representados, em diversas intervenções e inter-relações em determinadas épocas e

lugares, compreendendo limitações, para vestir-se, seguir padrões sociais como: ser mãe.

Para tanto, o corpo de forma geral é o resultado das modificações históricas. Por volta dos séculos XVII e XVIII as novas formas de contratos sociais surgiram, por meio das relações de gênero masculino e feminino um contrato no qual o "homem domina a mulheres aprofundando o denominado do sistema patriarcal" (SAFFIOTI, 2015, p. 38).

O patriarcado é o sistema mais antigo de dominação-exploração. Fundado no contrato social distinto do contrato sexual, fruto dos avanços das sociedades modernas, possibilitando a manutenção das diferenças entre homens e mulheres, calçada na suposta naturalidade da superioridade política e no acesso sistemático (SAFFIOTI, 2015).

As nomeações hierárquicas são uma das formas de manutenção das diferenças: homem e mulher se manifestam como uma marca hierárquica da sociedade moderna, carregam heranças culturais sobre os papéis de gênero, "são historicamente assimétricas e concentram na figura masculina do colonizador o polo de poder por excelência" (LUGONES, 2004, p. 3)

Estes aspectos antes demarcavam as diferenças entre os sexos constituindo desigualdade entre eles, devem ser revistos atualmente, mulheres e homens começaram a se destacar em diferentes contextos sociais, por conseguinte, é fundamental romper com esses marcadores identitários como aspectos exclusivos de diferenças e desigualdades.

Todavia ao longo da história e mesmo recentemente, não se pode afirmar um quadro de igualdade. Apesar das conquistas e avanços na condição feminina na sociedade, através das lutas e reivindicações feministas, as mulheres continuam em desvantagens em relação aos homens nas mais diversas esferas sociais, sobretudo quando se trata de cargos de prestígios e comando, a exemplo da política, educação, religião, dentre outros. Uma das desigualdades de gênero mais evidentes e insistente é a violência de gênero, que será discutida no próximo tópico.

1.3 Violência de gênero: um problema social

A violência nas sociedades modernas é composta por um conjunto de representação de consciência coletiva, que podem variar de formas físicas, culturais

e simbólicas. No caso da violência de gênero compreende uma categoria mais geral, porque, conforme Saffioti (2015), abrange relações regidas pelas gramáticas sexuais, por exemplo, a disputa por uma “fêmea”, podendo levar a violência entre dois “machos”.

Patenteando que a violência de gênero pode ser praticada por um homem contra outro, ou por uma mulher contra outra. Desta maneira, “violência de gênero caminha no sentido homem contra mulher, tendo a falcoaria como caldo de cultura.” (SAFFIOTI, 2015, p. 75).

Torna-se importante evidenciar que a violência de gênero é perpetuada de geração em geração, tanto por homens como por mulheres, entrelaçada a relações sociais visto como natural, de maneira a parecer parte da natureza humana. Sendo assim, as condutas violentas, são de certo modo, legitimadas na sociedade, por vezes se ouvindo dizer “que as mulheres gostam mesmo é de apanhar”. Por conseguinte, o conceito de violência de gênero pode ser entendido como:

[...] uma relação de poder de dominação do homem e submissão da mulher. Ele demonstra que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas. Ou seja, não é a natureza a responsável pelos padrões e limites sociais que determinam comportamentos agressivos aos homens, dóceis e submissos às mulheres. (TELES; MELO, 2003, p. 18)

Por outro lado, a violência intrafamiliar envolve membros de uma mesma família, podendo ser extensa ou nuclear, ocorrendo no ambiente doméstico ou fora dele. No caso da violência contra as mulheres, sobretudo, a violência doméstica é fruto das relações de poder provenientes de uma estrutura social, cultura patriarcal, sexista e machista. A violência contra as mulheres faz parte de um sistema de opressão baseado nas desigualdades de gênero, o que também se faz presente dentro de casa, ou seja, no casamento, em que “as mulheres ainda têm uma vida mais reclusa, estando infinitamente mais expostas à violência doméstica.” (SAFFIOTI, 2015, p. 90)

De maneira pontual o contrato sexual, respalda os direitos “sociais” dos homens sobre as mulheres, no sentido de acesso sistemático dos homens aos corpos das mulheres. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado; “ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno”. (PATEMAN, 1993, p. 17). Para tanto,

historicamente as mulheres datam de momentos de subordinação o que as confinavam ao ambiente doméstico, este confinamento “[...] permitiu e legitimou a violência masculina no âmbito da conjugalidade” (GROSSI, 1998, p. 298). A vista disto, o casamento é um contrato e na sociedade civil é uma ordem do patriarcado.

O patriarcado funciona como fortalecedor das desigualdades entre os sexos, reflexos das diferenças atribuídas socialmente, “a tradição de submissão da mulher ao homem e a desigualdade de direitos entre os sexos não podem, contudo, ser vistas isoladamente”. (SAFFIOTI, 2015, p. 63) perpassam os sistemas culturais influenciando na violência de gênero e contra as mulheres.

Assim, a visão de violência ainda está atrelada às violências urbanas. “Diferentemente da violência urbana, a violência doméstica incide sempre sobre as mesmas vítimas, tornando-se habitual”. (SAFFIOTI, 2015, p. 90), desta maneira, a violência “é a ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral.” (SAFFIOTI, 2015, p. 79).

No Brasil a violência entre casais tem sido objeto de denúncias nas delegacias e órgãos públicos de assistência social, educação e saúde. Conforme dados do Relatório de Criminalidade 2020 Violência Contra a Mulher², os registros de violência contra as mulheres entre os anos de 2019 e 2020, teve uma diminuição nas denúncias presenciais por conta da pandemia, de acordo com os dados no ano de 2019, foram realizados 5.801 de Bos (DEAMs), neste mesmo período o botão do pânico teve como registro de denúncias 730.

Por outro lado, no ano de 2020 ocorreu uma diminuição de denúncias 5.374, por questões de dificuldades de locomoção e as medidas de isolamento social, o que viabilizaram os índices de aumento dos casos de violência doméstica. Porém aumentou o número de acionamento de denúncias por meio do botão do pânico com 883 denúncias, aumento significativo de 20,96%.

Ao reconhecer, o enfrentamento das violências que atravessou décadas especificamente a violência contra as mulheres, nas décadas de 70 e 80, foi-se transformando o modo de ver a violência contra as mulheres em nível internacional.

Nos Estados Unidos a violência doméstica tornou-se um crime, isto, só foi feito por meio de campanhas nacionais com o objetivo de informar, sensibilizar as pessoas

² Relatório Disponibilizado pela Secretaria de Segurança Pública do estado do Piauí (SSP/PI)

a se envolver no enfrentamento pelo fim da violência, viabilizando a criação de delegacias para encorajar a denúncia, assim sendo, “identificar em sua relação violenta, algumas de suas raízes, encorajando-se a buscar ajuda.” (SAFFIOTI, 2015, p. 88).

Segundo Saffioti (2015, p. 88) “a maior parte da violência de gênero culmina em relações afetivas-família extensa e unidade doméstica”. Portanto, a violência de gênero praticada tanto por homens como por mulheres, arraigado nas relações sociais como algo “natural”. As mulheres são ‘amputadas’, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos apaziguadores”. (SAFFIOTI, 2015, p. 37).

A naturalização muitas vezes da violência de gênero ocorre na estrutura social, presente em diferentes sistemas culturais, nas reproduções de comportamentos, fortalecendo o sistema patriarcal, de modo habitual no cotidiano dos indivíduos, o que provoca o aumento expressivamente das ações, padronizando as mulheres.

A plena compreensão dos papéis sociais da mulher brasileira e sua evolução, desde os inícios da formação da sociedade nacional até o presente, vincula-se, diretamente, ao modo pelo qual o analista social percebe e interpreta a formação econômico-social que aqui se vem construindo há mais de quatro séculos. (SAFFIOTI, 2013, p. 200)

Desta forma, os marcadores de gênero, como, por exemplo, os comportamentos se constroem e tornam-se fixados para homens e mulheres, “mas cujo sentido é contestado e flutuante” (SCOTT, 2015 p.9), de maneira a se afirmar na reprodução social dos sujeitos durante o seu dia a dia, conforme Bourdieu (1999) habitus que se cristalizam de acordo com a repetição das ações. A exemplo, das atividades domésticas, fica aparentemente restrita às mulheres, logo os homens como o provedor do lar, confirmam as atribuições de acordo com os papéis sociais, contribuindo para a propagação de ações violentas, na qual as mulheres são as maiores vítimas das desigualdades, essas ações são consequências de comportamentos reproduzidos nas relações de poder, que se entrelaçam com as categorias de gênero, classe, raça/etnia.

[...]demonstrar e sistematizar as desigualdades socioculturais existentes entre mulheres e homens, que repercutem na esfera da vida pública e privada de ambos os sexos, impondo a eles papéis sociais diferenciados que foram construídos historicamente, e criaram pólos de dominação e submissão. Impõe-se o poder masculino em detrimento dos direitos das mulheres,

subordinando-as às necessidades pessoais e políticas dos homens, tornando-as dependentes. (TELES; MELO, 2003, p. 16)

As mulheres brasileiras sabem da importância da ruptura da dependência masculina, de acordo com Saffioti (2015), valorizam bastante a liberdade conquistada, por quanto, é relevante se perguntar “como é ser mulher hoje, em pleno século XXI”? Muitas mulheres possuem uma dupla jornada de trabalho tanto no serviço doméstico como no trabalho assalariado, isto é, mais uma das desigualdades existentes entre homens e mulheres, “o problema reside na prática instantânea na qual a igualdade legal se transforma em desigualdade, contra a qual tem sido sem trégua as lutas feministas” (SAFFIOTI, 2015, p. 46).

Todavia, “o feminismo nos ajudou a entender a violência como um problema de poder originado pela estrutura social baseada na negação dos direitos de cidadania” (MENEGHEL; MARTINI VIAL, 2008, p. 203). O movimento feminista vem provocando um novo olhar sobre as relações entre os sexos, inclusive quando o assunto é violência de gênero e contra a mulher.

Sendo assim, a violência é um dos fenômenos sociais que constituem os mais variados ambientes com ênfase ao contexto familiar um dos fenômenos ocultos, porque esta instituição social é considerada sagrada e ainda existe um medo ou vergonha de expor as diversas formas de violências sofridas.

Então, a violência de gênero, “teoricamente podendo ter como agressor tanto o homem quanto a mulher, na prática, e prevalência é, com uma predominância esmagadora, de homens, parentes, amigos, conhecidos, raramente estranhos” (SAFFIOTI, 2015, p. 98) os tipos difundidos de violência contra a mulher são de violência doméstica e de violência intrafamiliar.

O patriarcado ou ordem patriarcal de gênero é desanimadora forte, atravessando todas as instituições, como já se afirmou. Isso posto, por que a justiça não seria sexista? Por que ela deixaria de proteger o *status quo*, se aos operadores homens do Direito isto seria trabalhar contra seus próprios privilégios? E por que as juízas, promotores, advogadas, mesárias são machistas? Quase todos o são homens e mulheres, porque ambas as categorias de sexo respiram, comem, bebem, etc., nesta ordem patriarcal de gênero, exatamente a subordinação de vida ao homem.” (SAFFIOTI, 2015, p. 100)

O patriarcado funciona como um organizador da ordem social de atuação dos sujeitos, dando direito aos homens dominar e controlar suas mulheres, muitas vezes

usando a violência como forma de repressão e controle, isso posto, o patriarcado reproduz a violência de gênero, legitimando a dominação masculina, que segundo Bourdieu (1999) é uma “dominação simbólica”, porque envolve as estruturas sociais, corpos e mentes dos indivíduos, estando também presente nos discursos institucionais. De acordo com Bourdieu (1999) a dominação simbólica está estruturada e organizada simbolicamente em toda a vida social.

As relações desiguais abrangem as diferenças corporais que funcionam como principal marcador no cenário reprodutivo histórico, ou seja, a base biológica é um conjunto fixo das diferenças, isto é, influência nas construções sociais, onde os homens exercem a dominação/poder masculino.

O poder tem duas faces: a da potência e da impotência, de acordo com Saffioti (2015). “As mulheres estão familiarizadas com essa última, mas este não é o caso dos homens, acreditando-se que, quando eles perpetraram a violência estão sob o efeito da potência” (SAFFIOTI, 2015, p. 54). Causando a subordinação, Connell (2016) enfatiza que as relações de subordinação é intergênero, no grupo de homens heterossexuais se adequam conforme o modelo de dominação e os homossexuais fazem parte do modelo de subordinação.

A subordinação das mulheres ainda está enraizada nas histórias, mas com o passar dos anos as imposições sociais foram se transformando com as mudanças nas relações sociais, de maneira que a figura feminina buscou rever seus espaços de atuação.

Em segundo lugar raras são as mulheres que constroem sua própria independência ou que pertencem a grupos dominantes. Seguramente, o gênero feminino não constitui uma categoria social dominante Independente é diferente de autonomia. As pessoas, sobretudo vinculadas por laços afetivos, dependem uma das outras. Não há, pois, para ninguém, total independência.” (SAFFIOTI, 2015, p. 92).

Destarte, o ambiente doméstico é um local inseguro para as mulheres que são vítimas de violência no seu domicílio, enquanto deveria ser um ambiente acolhedor, confortável, harmônico de paz e respeito, entre as pessoas que convivem no mesmo ambiente. Apesar dos avanços sociais, a violência contra a mulher é ainda vista apenas como um “conflito de casal”, porque ocorre no ambiente privado, desta maneira, a denúncia é vista com maus olhos, como se quebrasse com a hierarquia presente no lar. Logo para Saffioti (2015) a violência contra a mulher envolve não

apenas ações efetuadas por parentes ou conhecidos, que convivem ou possuem algum tipo de relação estabelecida com a vítima, a violência contra a mulher e a violência doméstica muitas vezes acabam sendo confundidos.

Não se pode confundir “violência doméstica” com “violência de gênero”, “violência contra as mulheres”. No Brasil existe uma confusão conceitual das relações afetivas/conjugais. Quando as mulheres vivenciam algum tipo de violência recebem uma nomeação de “mulheres vítimas de violência”, o que acaba colocando as mulheres na condição de vítimas e reforçando a representação social das mulheres como dependentes, passivas e submissas. Assim o termo a ser utilizado seria “em situação de violência”.

A Lei 11.340 Maria da Penha possui o Art. 5º, que apresenta como se configura a violência doméstica e violência contra as mulheres como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2005, p. 18). Conforme o Artigo 5º existe uma diferenciação:

- I — No âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;
 - II — No âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;
 - III — Em qualquer íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.
- Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual. (BRASIL, 2005, p. 18)

A Lei Maria da Penha, foi uma das conquistas das lutas feministas e das mulheres no Brasil, reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU). Esta lei também reconhece que a violência doméstica e contra a mulher constitui uma das violações dos direitos humanos. Mas mesmo com o conhecimento dessa lei muitas mulheres ainda sentem medo de romper com a violência, porque, as medidas protetivas na maioria das vezes não impedem o agressor de cometer qualquer violência contra elas.

A violência doméstica ocorre numa relação afetiva cuja ruptura demanda, via de regras, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo. Até que isto ocorra, descreve uma trajetória oscilante, com movimento de saída da relação e de retorno a ela. Este é chamado ciclo da violência, cuja utilidade é meramente descritiva. (SAFFIOTI, 2015, p. 84)

A teoria do ciclo da violência, teve início pela psicóloga norte-americana e feminista Walker, por meio dessa teoria Walker esclarece a relação da violência nas relações conjugais e as dificuldades das mulheres no processo para romper com essas relações violentas, considerando a produção e reprodução.

O ciclo da violência é constituído por três fases que de acordo com Walker (1979) a primeira é a “construção da tensão” no relacionamento é o momento em que as ameaças, humilhações e palavras, agredem a outra pessoa, por outro lado, a segunda fase é a “explosão da violência” ocorre a constante presença de agressões físicas, finalmente, a terceira fase “lua-de-mel”, o agressor se arrepende, este promete não a agredir mais afirmando que a ama.

Assim, o ciclo da violência pode ser repetitivo durar anos ou meses, onde o agressor apresenta pequenos comportamentos agressivos, através de xingamentos e ameaças, na fase da “construção da tensão” de acordo com Walker (1979), nesta fase a mulher omite a culpa do companheiro, na segunda fase, quando ocorre a “explosão da violência” o agressor está em um estado incontrolável de raiva, atingindo de diferentes formas violentas inclusive a fisicamente.

Conforme Walker (1979) o desencadeamento de uma situação externa pode desencadear (quando a “vítima” age de forma que o “agressor” considere inaceitável) a tensão também se faz presente como um estímulo interno (no qual o agressor pensa sobre a “vítima”). Nesta fase a violência psicológica é carregada de uma série de sentimentos como vergonha, solidão e dor que influencia diretamente no comportamento.

Por fim, a fase de “lua de mel”, na qual o “agressor” reconhece todos os atos cometidos por ele e promete mudar seu comportamento violento, busca convencer a “vítima” que seus comportamentos iriam mudar. Em vista disto, se mostra amigável, cheio de promessas, desculpas visando a reconciliação lembrando a mulher dos bons momentos vivenciados juntos, mas a mulher não se dá conta da gravidade e depois ela própria se sente culpada, insegura, incapaz de terminar o relacionamento, devido às pressões acabam que levando a não ruptura com o ciclo da violência, por conta do medo.

Sem dúvida, mulheres que suportam violência de seus companheiros, durante anos a fio, são dependentes da compulsão do macho e o

relacionamento de ambos é fixado, à medida que se torna necessário. Nesse sentido, é a própria violência, indispensável da relação, que é necessária. (SAFFIOTI, 2015, p. 89)

As fases da “construção da tensão” e da “lua de mel” podem acontecer por um curto período quando comparado com a fase da “explosão da violência” é um período intenso em que ocorrem as agressões físicas rotineiras. É importante a busca por alternativas para superar a situação e interromper a violência, visando o empoderamento das mulheres, possibilitando o rompimento com o ciclo da violência, de modo a desenvolver os direitos, não só humanos, mas o de ser “mulher”.

Ao reconhecer que a violência contra a mulher é um problema social, o 7º Boletim de ocorrência de violência contra a mulher no Piauí, ocorreu no período dos anos de 2019, 2020 e 2021, no qual ocorrendo a consolidação dos dados no dia 22 de outubro de 2021, em que a análise das somas das frequências absoluta dos BOS registrados nas DEAMs do Estado do Piauí, resultou no relatório mensal de janeiro/2019 a setembro/2021.

Por meio de outra pesquisa intitulada, Retratos da Violência: novos dados do Maranhão e Piauí, a Rede de Observatório da Segurança chegou ao Maranhão e ao Piauí em agosto de 2021. Este projeto atua em parceria com dois Estados: a Rede de Estados Periféricos ligado à Universidade Federal do Maranhão - UFMA e o Instituto Federal do Maranhão - IFMA, contam com pesquisas sobre crianças, adolescentes e jovens, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, uma iniciativa que já tem uma trajetória de 20 anos. Conforme dados da pesquisa seis meses depois, o primeiro resultado do monitoramento: registramos um evento violento a cada três horas nos Estados.

Conforme dados, a cada três horas, são 2.060 eventos violentos monitorados nos dois Estados nos últimos seis meses. Desta maneira, o equivalente a 11º registros por dia ou um a cada três horas. De acordo com os retratos da violência: novos dados do Maranhão e Piauí, os dados de agosto de 2021 a janeiro de 2022, referentes os casos de feminicídio e violência contra a mulher no Maranhão tem 67 casos, por outro lado, o Piauí possui 75, assim o Piauí possui 8 indicadores de diferença, ao todo a soma dos dois resulta em 142 tipos de eventos violentos.

A violência³ compreende fatores políticos que afastam as mulheres da política, sendo urgente enfrentarmos essa cultura de agressão, discriminação e preconceito. Partindo desta concepção, se construiu um movimento de combate à violência política contra a mulher no âmbito do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, sendo uma forma simbólica no ano de 2019 quando o debate na esfera Mercosul foi aprovado.

Para tanto, a violência envolve diferentes esferas sociais, possuem especificidades; a destacar a violência política, que se particulariza pelo fim ou efeito de manutenção de status que é de dominância patriarcal. O que resulta em violência de gênero operando de modo simbólico, afirmando-se nas relações entre os sexos envolvendo as relações de poder, em que o gênero é um marcador “natural” das diferenças, que persiste na dominação dos homens sobre as mulheres.

Por conseguinte, o movimento feminista buscou lutar por direitos e lugares de atuação feminina, os direitos estão ocorrendo de modo mais pontuais, mas infelizmente ainda tem as desigualdades, presentes no processo de empoderamento feminino. A autonomia feminina é construída quando os direitos são reconhecidos, o que as torna perante a lei uma cidadã de fato, capaz de se auto representar e se posicionar diante de situações diversas.

As construções sociais acerca do ser mulher foi se ressignificando ao longo do tempo, mas é preciso lutas constantes em conjunto com os movimentos feministas. É considerável analisar os padrões impostos aos homens porque também acabam seguindo padrões regidos pela sociedade, onde a autoridade masculina se constitui em potencial.

Portanto, as dimensões que envolvem a violência de gênero são diversas e não podem ser vistos de modo isolado, compreende as vivências de mulheres, questões culturais e sociais sobre os padrões a ser seguido por elas, possibilitando repensar os espaços de atuação feminina.

Em suma, é preciso uma análise da realidade, repensar e ampliar o olhar acerca do empoderamento feminino que é composto por um autoconhecimento de si, reconhecendo sua utilidade em qualquer contexto social, viabilizando as mulheres um novo olhar sensível sobre o que é “ser mulher”, evidenciando as complexidades que

³ Violência Política Contra a Mulher – Relatório 2020-2021. Transparência eleitoral Brasil-Brasília-2021.

existem na sociedade envolvendo os sexos. O capítulo que se segue mostrará como se vem construindo um novo olhar científico sobre as problemáticas sociais envolvendo gênero e violência de gênero no Programa de Pós-Graduação em Sociologia-PPGS/UFPI.

2. CONFIGURAÇÕES DAS PROBLEMÁTICAS DE GÊNERO NAS DISSERTAÇÕES DO PPGS/UFPI.

Neste capítulo apresento as configurações das pesquisas defendidas por discentes do PPGS no período de 2014-2021. As pesquisas selecionadas foram realizadas na linha de gênero, sexualidades e gerações, as problemáticas de gênero observadas nos resumos produzidos, foram organizadas em um banco de dados, tendo como objetivo realizar um balanço das principais questões que evidenciam os estudos sobre gênero e violência de gênero nas dissertações examinadas. Ainda apresento as escolhas metodológicas desta pesquisa, fundamentada no pensamento crítico feminista, em diálogo com o método qualitativo, tendo a análise de conteúdo fundamentada em Bardin (2016), como premissa para interpretar e compreender as problemáticas de gênero capturadas.

2.1 Trajetória do Programa de Pós-Graduação em Sociologia — PPGS/UFPI

O Programa de Pós-Graduação em Sociologia- PPGS/UFPI⁴ é um programa de mestrado, na modalidade acadêmico, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais (DCIES) e do Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL). O PPGS foi aprovado pela CAPES em novembro de 2011, no dia 12 de abril de 2012 foi oficialmente instalado com a aula inaugural da primeira turma, com dez alunos, proferida pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE) presidente da Associação Latina Americana de Sociologia (ALAS), à época. Inicialmente o programa teve a coordenação pró-tempore do professor Washington Bonfim, sucedido pela professora Marlúcia Valeria Silva, que renunciou ao mandato em fins de 2013 e o professor Ferdinand Pereira Cavalcante, subcoordenador, assumiu e concluiu a gestão até maio de 2014.

Em maio de 2014 os professores Francisco Mesquita de Oliveira e Mary Alves Mendes foram eleitos pelo colegiado coordenador e subcoordenadora, respectivamente, para um mandato de dois anos, até maio de 2016. Nesse mês o professor foi reeleito com a subcoordenadora professora Maria Dione Moraes de Carvalho para mais um mandato, com o compromisso de coordenar o programa por

⁴ Informações com base no relatório do PPGS para Coleta CAPES – 2019 – ver Plataforma Sucupira

um ano, até maio de 2017, quando a subcoordenadora assumiu a coordenação do programa com a profa. Ana Beatriz Martins dos Santos Seraine. Em maio de 2018, os professores Ferdinando Pereira Cavalcante e Maria Rosângela de Souza assumem a coordenação, e com a aposentadoria do Prof. Ferdinand Pereira Cavalcante em dezembro de 2019, a subcoordenadora Maria Rosângela de Souza assume a coordenação até junho de 2020, quando a atual coordenação, constituída pelos professores Francisco de Oliveira Barros Junior e Lila Cristina Xavier Luz assumiram suas atribuições como coordenadores do PPGS.

Inicialmente o PPGS funcionou com uma estrutura precária, contudo, as coordenações e docentes lutaram para viabilizar o programa no âmbito da UFPI e junto aos demais Programas da Área de Sociologia na CAPES.

O mestrado de Sociologia, durante estes 10 anos de existência tem sido uma resposta das demandas da sociedade piauiense no tocante a pesquisa e à docência, como forma de empoderar os sujeitos em sua luta pela cidadania plena e pelo desenvolvimento regional, vinculado ao departamento de Ciências Sociais.

A Pós-Graduação em Sociologia-PPGS, surgiu pelo fortalecimento de núcleos e grupos de pesquisas atuantes, que viabilizaram fundamentar o programa, desta maneira, os principais núcleos foram: Núcleo de Estudos da Contemporaneidade (NEC), Laboratório de Investigação Social (LIS), Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Crianças e Adolescentes (NUPEC), Núcleo de Pesquisa sobre Africanidades e Afrodescendência (IFARADÁ) e Núcleo de Estudos em Gênero e Desenvolvimento (ENGENDRE). Estes núcleos foram de extrema importância para as discussões de temáticas conflituosas no Estado do Piauí. A elaboração da APCN e aprovação do Mestrado Acadêmico na área de sociologia, veio suprir demandas sociais e acadêmicas, considerando especialmente o investimento em pesquisas desenvolvidas por profissionais formados em ciências sociais, sociologia e áreas afins.

Para melhor envolver diferentes áreas do conhecimento, visando as demandas sociais referentes à pesquisa social e à docência, o Departamento de Ciências Sociais buscou parcerias com docentes de áreas afins como: Direito, Serviço Social e Psicologia Social. Deste modo, no ano de 2011, os docentes do Departamento de Ciências Sociais, Serviço Social e Ciências Jurídicas deram mais um passo para a

elaboração da APCN, objetivando suprir a falta de profissionais pós-graduados em Sociologia no Piauí.

Por conseguinte, após anos de criação do programa a primeira avaliação quadrienal ocorreu em (2013-2016), na qual recebeu a nota 3, resultado que demonstra haver muito mais desafios a serem enfrentados no quadriênio de (2017-2020).

Assim, o programa busca apoio por meio da participação discente em eventos científicos para a apresentação de trabalhos, integrando aos professore(a)s externo(a)s à UFPI em bancas de qualificação e defesas de dissertação, com a oferta de bolsa de pós-doutorado pelo PNPd/CAPES, para chamar a atenção de doutores e reunindo esforços para promover a internacionalização.

Desta maneira, o programa tem como objetivos proporcionar a formação de pós-graduação no nível de mestrado Acadêmico, na área de concentração Sociologia, de modo a capacitar os pós-graduandos/as a atuarem como: pesquisadores/as, professores/as ou profissionais para diferentes áreas da administração pública, governamentais e não governamentais.

Mas também promover eventos acadêmicos-científicos e culturais, para a socialização da produção do conhecimento docente e discente, no âmbito das temáticas desenvolvidas nas linhas de pesquisas do programa, bem como fomentar a cooperação técnica-científica em instituições públicas e privadas regionais, nacionais e internacionais.

Para tanto, por meio de seus professores-pesquisadores o programa tem desenvolvido atividades de pesquisa e orientação que proporcionam a qualificação discente, facilitando que as pesquisas tenham como foco algumas das áreas de concentração a partir de duas linhas de pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Sociologia que são: Estado, territorialidades e processos sociais e Gênero, sexualidade e geração.

A primeira linha, Estado, territorialidades e processos sociais, enfatiza estudos que abordam relações entre as transformações no Estado e os processos de desigualdades sociais, sem desconsiderar políticas públicas, atores, classes, instituições e movimentos sociais, com o intuito de ressaltar também as dinâmicas envolvendo dimensões de produção material e simbólica na qual compreende vários

atores, instituições e estruturas nas territorialidades urbanas e rurais, no contexto regional, nacional e local.

A segunda linha de pesquisa, intitulada Gênero, sexualidade e geração, se articula em diferentes contextos sociais, contemplando estudos interseccionais das problemáticas, como, por exemplo, classe, trabalho, raça/etnia, religião e suas interfaces com políticas públicas, cultura e violência, para tanto esta linha de pesquisa visa entender a realidade social brasileira, especialmente a nordestina e piauiense, considerando importante os discursos e os sentidos, subjetividades que abrangem as temáticas: emoções, juventude, sexualidade, gênero, corpos, velhices e intergeracionalidades.

É relevante destacar que atualmente o programa conta com alguns núcleos de pesquisa. A linha de pesquisa “Gênero, sexualidade e geração” possui dois núcleos: NUPEC - Núcleo de Pesquisa e Estudo sobre a Criança e o Adolescente, ENGENDRE — Núcleo de Estudos em Gênero e Desenvolvimento.

A outra linha de pesquisa — Estado, Territorialidades e processos sociais, possui o núcleo de estudo NEPES/UFPI — Núcleo de Pesquisa em Estado Democrático e Sociedade Contemporânea; o outro é o Grupo de Pesquisa e Extensão Direito Humanos e Cidadania- DiHuCi.

Estas duas linhas de pesquisa possibilitam promover o desenvolvimento também da extensão no programa, mas é evidente que cada discente possui qualificações que não se restringem somente às áreas de concentração do mestrado, tornando assim o programa mais abrangente e convidativo para futuros mestranda(o)s.

De acordo com os dados disponibilizados pelo relatório da CAPES, as seguintes atividades identificadas, informação: atuação em docência nos níveis básicos, superior e pós-graduação lato sensu, atuação na área de pesquisa assessoria técnica em órgãos públicos do Piauí e outras profissões, como, jornalistas, advogados/as, assistente social. Por fim, o relatório da CAPES com as recomendações do relatório de avaliação relativo ao quadriênio torna-o mais coerente com as propostas das linhas de pesquisa.

2.2 Configuração dos dados – visualizando as problemáticas

Considerando que esta investigação tem como objetivo realizar um balanço das dissertações que evidenciam estudos sobre gênero e violência de gênero, através da análise dos temas e resumos produzidos no PPGS-UFPI, no período de 2014 a 2021, essa metodologia é de natureza qualitativa entendendo ser essa a mais adequada para captar as informações dos resumos.

[...] Em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador. (GOLDENBERG, 2000, p. 53)

O ato de pesquisar exige compromisso e disciplina, pois é um trabalho que necessita de horas de dedicação aos estudos, visando efetivar os objetivos propostos e produzir novos conhecimentos. Como sugere Bourdieu, é importante “procurar não cair na armadilha do objeto pré-construído, não é fácil, na medida em que se trata de compreender um objeto que me interessa, sem que eu conheça claramente o princípio verdadeiro desse interesse”. (BOURDIEU, 1999, p. 30).

Os procedimentos metodológicos deste trabalho, basearam-se no levantamento e na análise de conteúdo, tendo como principal referência Bardin (2016), a partir de seu livro *Análise de conteúdo*. Conforme as peculiaridades do estudo, a orientação da análise interpretativa, em face do entendimento dos sentidos construídos acerca da temática. Considerando Spink e Medrado (2013),

A elaboração de sentidos não é um exercício interindividual, mas prática social, relacional, fenômeno sociolinguístico no qual: sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas– constroem os termos dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos à sua volta (SPINK, MEDRADO, 2013, p.22)

Assim, a escolha da pesquisa é de caráter qualitativo, pois “é útil para identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas qualitativamente” (GOLDENBERG, 2000, p. 63). Para Goldenberg (2000, p. 63) “também é evidente o valor da pesquisa qualitativa para estudar questões difíceis de

quantificar". Permite alcançar conceitos que são visíveis, que podem ser sustentados e conseqüentemente dar rigor científico às questões que constituem a sociedade. De acordo com Gaskell (2002, p. 65) a pesquisa "fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre atores sociais e sua situação".

A pesquisa qualitativa de acordo com Câmara (2013) fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação, visando o detalhamento de uma descrição da problemática.

Logo, os dados traduzem informação, definições e uma fonte de novas questões e ressignificações. Considerando a produção de dados foi realizado um levantamento de informações sobre todas as dissertações produzidas ao longo dos 10 anos de existência do programa de Pós-Graduação em Sociologia-PPGS/UFPI. A organização dos dados foi sendo realizada aos poucos, conforme as categorias descartadas a seguir.

Problemas surgiram durante o processo, o site do mestrado em alguns momentos falhou, devido às inúmeras vezes ter solicitado a abertura dos dados das turmas, foi um trabalho minucioso para coletar as informações dos resumos.

A observação de um conjunto de dissertações conforme as turmas desde a primeira turma de 2014 até a oitava turma de 2021, foi viável reunir em um banco de dados 79 dissertações, somente posteriormente categorizá-las segundo as perspectivas de gênero e violência de gênero, assim 29 dissertações abordam esta temática.

Em seguida, desta maneira, foi necessário montar um banco de dados com as seguintes categorias:

- Título: Demonstra de forma categórica o cerne da pesquisa;
- Autor: O sujeito que produz a pesquisa;
- Resumo: É o conteúdo exposto de forma resumida ao leitor, que contém uma breve explicação da temática, objetivos, problemáticas, base teórica e abordagem metodológica;
- Palavras chaves: Que define o que será trabalhado no texto de forma pontual por meio de algumas palavras.

A análise de conteúdo é uma técnica segundo Bardin (2016) que permite ao pesquisador realizar codificação do conteúdo, aplicação de códigos, que irá resultar

em categorias, por exemplo. A vista disto, a produção de dados e organização dos dados consumiu bastante tempo e dedicação, para organizá-los em uma tabela, com todos os aspectos citados acima, então a reorganização destes dados foi por meio de tabelas menores, mostrando somente os títulos e problemáticas que apresentam as temáticas gênero e violência de gênero.

Portanto, serão apresentadas ao longo do trabalho, algumas tabelas, configurando as temáticas gênero e violência de gênero, o que viabilizou uma melhor organização das informações para tratamento e análise, posteriormente resumindo-as em gráficos para melhor comunicar os achados de acordo com as análises dos conteúdos.

Por meio das categorias são construídas análises derivadas de teorias ou práticas existentes, desta forma, as categorias são elementos que nos dão meios para descrever o fenômeno sob investigação, aumentando o conhecimento e gerando conhecimento. Todavia, conforme Bardin (2016), a principal função da análise de conteúdo é o desvendar crítico, ou seja, uma visão pautada em alguma teoria sem desconsiderar a visão individual de cada indivíduo acerca do conhecimento produzido ou do conhecimento que será produzido. Sendo assim, análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos de viés metodológico em que consiste em aperfeiçoamentos que se aplicam a discursos (conteúdos) diversificados (BARDIN, 2016).

É importante ressaltar que de acordo com Bardin (2016) a descrição analítica apresenta as prováveis aplicações da análise de conteúdo como um método de categoria que permite a classificação dos componentes do significado da mensagem. A vista disto, a análise de conteúdo, no caso deste trabalho, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo extraído das informações obtidas das dissertações, por meio dos resumos e sua respectiva apresentação para melhor organização dos dados em tabelas, que possibilitaram a visibilidade dos dados e informações coletadas por meio do site do Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFPI.

Com base na organização do banco de dados foram observadas 79 dissertações disponíveis até o levantamento dos dados que ocorreu de novembro de 2021 a março de 2022, sendo viável a visualização por meio do portal do programa de Pós-Graduação em Sociologia, observar que as problemáticas pesquisadas no mestrado compreende diferentes temáticas sociais como: territorialidade, identidades

juvenis, questões envolvendo raça, sexualidade, violência de gênero, violência doméstica, violência sexual, dentre outros. Em exclusivo neste trabalho destaco os estudos que compreendem gênero e violência de gênero.

Os dados disponibilizados no site do mestrado de Sociologia, foram relevantes para montar e organizar as informações com as seguintes categorias: título, autor, ano, resumos e palavras-chaves. Logo, de acordo com Minayo (2016), questões particulares viabilizam o pesquisador(a) a produzir conhecimento e gerar novas indagações.

Ao reconhecer os avanços dos estudos de gênero, é possível notar que este assunto ganhou e vêm ganhando maior visibilidade no contexto acadêmico e social, diante disto, gênero e violência de gênero, compreende questões históricas, na qual o movimento feminista possui sua parcela de reconhecimento.

Deste modo, por meio das problemáticas observadas nos resumos é factível verificar que o programa de Pós-Graduação em Sociologia, tem viabilizado a construção de conhecimento acadêmico para a sociedade a respeito de violência de gênero e em que consiste esta problemática.

Ao fazermos um apanhado histórico sabemos que as mulheres sempre viveram de forma desigual em relação aos homens, desta maneira, é possível entender que envolve o contexto sócio-histórico-cultural. Conforme a sociedade foi se modernizando o meio social foi se modificando, o que não iria ser diferente nas relações de gênero que são rodeadas de diversidade de construções de papéis sociais de modo que "o tornar-se mulher e o tornar-se homem constitui obra das relações de gênero". (SAFFIOTI, 2004, p. 18)

Ao longo da história o termo "gênero" foi se ressignificando. Conforme Scott (1995) gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; por conseguinte gênero seria um modo primário de significar as relações de poder.

Assim, os estudos de gênero ganharam maior visibilidade, dentro de parâmetros científicos, da situação de desigualdades entre os sexos e como esta situação opera na realidade e interfere no conjunto das relações sociais, considerando destacar a realidade descritiva social trazendo à tona a questões das mulheres: discriminação e opressão.

2.2.1 Apresentação das problemáticas em tabelas

O ato de pesquisar compreende a capacidade de desenvolver estudos científicos e dinamizar a linha histórica teórica. Partindo deste pressuposto, em algumas dissertações não foi possível detectar as problemáticas nos resumos, assim evidenciei em negrito categorias que estavam presentes nos objetivos. Por meio da análise de conteúdo foi possível sistematizar termos, significados, intenções, consequências ou contextos (SAMPAIO, 2021)

A tabela a seguir mostrará os avanços das problemáticas envolvendo a categoria gênero, por conseguinte violência de gênero, violência doméstica dentre outras problemáticas envolvendo o referido tema abordado.

TURMA DE 2014

	AUTOR/A	ORIENTADOR/A	TÍTULOS	PALAVRAS-CHAVE	PROBLEMÁTICAS
1	Fernanda da Silva Sampaio	Francineide Pires Pereira	Projetos de gênero na mídia caxiense	Projetos, Gênero, Mídia, Discursos.	O trabalho analisa a construção de projeto gênero na mídia caxiense, para tanto, realizou estudo do jornal Folha de Caxias, verificando seus conteúdos a presença de projetos masculinidade e feminilidade e sua relação com uma dominação-exploração masculina .
2	Adriana Rodrigues de Oliveira	Mary Mendes Alves	Parentalidade em tempos de judicialização: filiação e cuidado nos discursos	Parentalidade, Discurso Jurídico, Família, Gênero.	Este estudo teve como propósito analisar discursos jurídicos de juízes/as, promotores/as de justiça e defensores/as públicos/as sobre parentalidade (paternidade e maternidade) , abordando os critérios utilizados por estes profissionais para definir a existência da relação de filiação (pautada em laço biológico ou não) e o contexto heteronormativo ou não) e os cuidados parentais (convivência, afeto e provimento material).

Tabela 1. Fonte: Mestrado de Sociologia. Autora: Erica Patrícia de Oliveira Santos.

É essencial destacar que a primeira turma do mestrado de sociologia é de 2012, assim os primeiros estudos contribuíram para alavancar as futuras dissertações que seriam produzidas e defendidas em apresentações públicas. Logo, no início do programa não existia uma predominância de estudos de gênero, por outro lado, é perceptível uma predominância sobre as temáticas: ruralidade, trabalho e jovens.

No ano de 2014 no mestrado de Sociologia foram produzidas 7 (sete) dissertações, mas apresento 2 (duas), desta maneira, apresento somente as dissertações que pertencem a linha de gênero, sexualidades e geração, o que

viabilizou descrever as dimensões descritivas da realidade social por meio de categorias analíticas.

A primeira dissertação intitulada Projetos de gênero na mídia caxiense, tem como problemática analisar a construção de projetos de gênero na mídia caxiense, tendo como fonte de pesquisa o jornal Folha de Caxias, a fim de verificar em seus conteúdos a presença de projetos de masculinidades e feminilidades. Tal estudo aborda em específico ao questionar como se constrói os papéis sociais que cercam as diferenciações entre os sexos, a problemática busca afirmar os desafios dos estudos.

Por outro lado, a segunda dissertação que tem por título Parentalidade em tempos de Judicialização: filiação e cuidado no discursos jurídicos, traz como proposta analisar os discursos jurídicos de juízes/as, promotores/as de justiça e defensores/as públicos/as sobre a parentalidade (parentalidade e maternidade), tem como pauta a existência de relação de filiação entre laços biológico ou não, em contexto a heteronormatividade ou não, envolvendo cuidados parentais, aborda a discussão das ideias das construções sociais sobre o ser homem em específico a paternidade. Sendo assim, segundo o pensamento de posições, identidades, do tratamento e reconhecimento do valor das pessoas dentro da sociedade.

Desta maneira, por meio da tabela é possível notar que os debates de gênero foram se introduzindo no mestrado de sociologia pelo interesse dos pesquisadores, mas influenciado pelas demandas sociais e as crescentes discussões sociais sobre gênero em diferentes meios sociais. Logo, a linha de pesquisa do programa gênero, sexualidades e geração, tem e teve papel fundamental para viabilizar discussões sobre a temática abordada.

É evidente que com o passar dos anos os estudos de gênero foram sendo bem desenvolvidos nas dissertações e teses, nas quais as discussões de gênero se faziam presentes, com a criação de núcleos de estudos vinculados aos programas e instituições, envolvendo outras linhas de pesquisas como sexualidade, educação, trabalho, direito, saúde, violência, arte e cultura. A tabela a seguir refere-se aos estudos desenvolvidos no ano de 2015, a respeito dos estudos de violência de gênero.

TURMA 2015

	AUTOR/A	ORIENTADOR/A	TÍTULOS	PALAVRAS – CHAVE	PROBLEMÁTICAS
1	Luciana Farias de Araújo Andrade	Mary Alves Mendes	(Des)iguais na diferença na formação técnica das alunas do Instituto Federal Campus Teresina Central	Gênero, Mulher, Educação, Trabalho.	As mulheres, ao longo das últimas décadas, obtiveram grandes conquistas sobre seus Direitos na sociedade. São cada vez mais crescentes os níveis de autonomia e de participação que elas têm adquirido na esfera pública, principalmente em áreas relativas à educação e trabalho. Sabe-se que ocupam, cada vez mais, os espaços, antes considerados masculinos , não havendo a mesma reciprocidade por parte dos homens nos espaços domésticos.
2	Marcela Castro Barbosa	Rita de Cássia Cronenberg Sobral	Primeiro as flores, depois as cruzadas: descortinando violência conjugal na vida de mulheres/mães e dos filhos, em Teresina/ PI	Gênero, Violência Conjugal, Filhos, Mães.	O fenômeno da violência de gênero perpassa as relações sociais construídas por homens e mulheres na sociedade brasileira, deixando marcas no tecido social e na subjetividade dos indivíduos. No estudo em questão, tem-se como referência o contexto familiar. Historicamente e socialmente há predominância de um gênero sobre outro, isso tem contribuído para as desigualdades de gênero , relações de poderes e o aumento da violência, seja ela doméstica, intrafamiliar e conjugal .

3	Poliana dos Santos Aguiar	Rita de Cássia Cronemberger Sobral	Caminhos e descaminhos da convivência familiar: um estudo na instituição de acolhimento casa Dom Barreto .	Acolhimento Institucional, Reordenamento, Convivência Familiar, Criança e Adolescentes.	Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social – MDS o Acolhimento Institucional é ofertado por diferentes tipos de equipamentos, destinado à família e/ou indivíduos com vínculos familiares rompidos ou fragilizados, a fim de garantir proteção integral. Entende-se que as instituições de acolhimento para crianças e adolescentes são aquelas acionadas quando os direitos desta parcela da população são violados, e que por esta razão, precisam ser temporariamente afastados da família, até que possam retornar ao seio familiar, ou até mesmo obterem inserção em família substituta.
4	João Wallace Linhares de Sousa	Francineide Pires Pereira	O efeminado e os outros: diferença e discriminações em espaços de sociabilidade LGBT de Teresina-PI.	Efeminado Espaços de Socialização LGBT, Discriminação .	A imagem do homem efeminado está associada à figura do homossexual desde sua criação enquanto categoria médica. Os estigmas causados pela alcunha de doente, pervertido e perigoso fez com que esses sujeitos se apropriassem de determinados espaços e horários nas cidades para poderem viver suas sexualidades .

Tabela 2. Fonte: Mestrado de Sociologia. Autora: Erica Patrícia de Oliveira Santos.

É possível notar que a abordagem dos estudos de gênero nestes resumos de dissertações apresentam gênero a partir de categorias analíticas particulares diversas, sendo assim, na primeira dissertação intitulada Desigualdades na diferença: a formação técnica das alunas do Instituto Federal - Campus Teresina Central, apresenta a problemática da ocupação dos espaços públicos, antes considerados

masculinos, não havendo a mesma reciprocidade por parte dos homens nos espaços domésticos, mesmo com as conquistas das últimas décadas por mulheres que pertencem e que não pertencem ao movimento feministas, ainda existe uma resistência conservadora tradicional fruto do sistema patriarcal pautada na superioridade masculina e subordinação feminina.

Por conseguinte, na segunda dissertação "Primeiro as flores, depois as cruzadas: descortinando a violência conjugal na vida de mulheres/mães e dos filhos", em Teresina-PI, é evidenciado o contexto familiar e seus marcos históricos, no qual ainda existe a predominância de um gênero dominante (masculino), resultando em desigualdades de gênero e relações de poder.

Por outro lado, a terceira dissertação apresenta os estudos de gênero por meio de outra perspectiva, abordando a garantia integral dos direitos das crianças visando a não violação do referido, desta forma, os estudos de gênero têm destacado a importância de proteção dos direitos das mulheres desde a infância.

É importante destacar a quarta dissertação, O efeminado e os outros: diferenças e discriminações em espaço de sociabilidade LGBT de Teresina -PI, uma discussão diferenciada das anteriormente discutidas, neste resumo fica explícito a imagem do homem efeminado e como ela está associada a figura do homossexual, e o quando esta problemática ainda é um tabu a ser discutido na sociedade brasileira, evidenciando a existência de uma divisão dos espaços sociais criando e afirmando as desigualdades entre homens e mulheres.

Tais, temas apresentam gênero em diferentes contextos conforme as problemáticas destacadas, sendo assim, segundo o pensamento de Scott (1995) o termo "gênero" ópera em quatro conjunto de elementos: 1. Símbolos que evocam representações (por exemplo, Eva e Maria, se contrapondo inocência e corrupção, virtude e desonra), 2. Conceitos normativos que evidenciam as interpretações e os significados, 3. Política, instituições e organização social gênero também é construído no sistema de parentesco, economia e política.

Para tanto, os avanços civilizatórios viabilizaram também tendências a evidenciar as diferenças das instituições e formas culturais, é claro que cada civilização possui seus próprios sistemas de diferenciação de gênero. Então Derathé (2012) reflete acerca do pensamento de Rousseau sobre a oposição entre natureza e

a sociedade, mas para isto seria necessário um equilíbrio das necessidades básicas dos seres humanos com o meio no qual este se encontra.

Logo, a origem dos males da civilização são as "problemáticas sociais", sendo assim, Rousseau enfatiza que a sociedade privada seria responsável por produzir condutas morais degeneradas as pessoas, com sentimentos como egoísmo e o desejo de posse.

É por meio do desejo de posse que muitos homens se sentem donos de suas mulheres, esposas e filhas, uma dominação que pode parecer ingênua, mas que pode se agravar resultando em violência contra a mulher, destacada nas dissertações do ano de 2016.

Turma de 2016

	AUTOR/A	ORIENTADOR/A	TÍTULOS	PALAVRAS-CHAVE	PROBLEMÁTICAS
1	Thayana de Moraes Costa	Francineide Pires Pereira	Violência contra mulheres no webjornalismo de portal: da banalização à violência metalinguística	Violência Contra mulheres, Gênero, Webjornalismo, Análise de Discurso Crítica.	A violência contra mulheres tem sido, na última década, cada vez mais percebida como problemática social de ampla visibilidade no Brasil, e enfrentada como grave violação dos direitos humanos, sendo, de tal forma, imprescindível para as ciências sociais que se debruçam sobre esse tema.
2	Maria Jesus de	Mary Alves Mendes	Famílias lesboafetiva: descortinando as relações de gênero e sexualidade entre mulheres.	Família Lesboafetiva Gênero Sexualidade.	As mudanças ocorridas na contemporaneidade no que tange à família, gênero e sexualidade são consideradas uma das mais revolucionárias, afirmando-se a variedade de experiências que giram em torno das suas configurações, sujeitos e relações.

Tabela 3. Fonte: Mestrado de Sociologia. Autora: Erica Patrícia de Oliveira Santos.

No ano de 2016, a produção de duas dissertações chama a atenção, uma aborda a temática de violência contra a mulher e a outra retrata famílias lesboafetivas. O que fica perceptível ao analisar as problemáticas referidas a cada trabalho é como

as representações tornaram-se produtos de diferentes tecnologias sociais, reproduzindo discursos por meio das práticas do cotidiano, que ainda funcionam como marcador de construção do gênero.

Reforçando essa questão, o gênero funciona como uma lente de percepção, segundo Scott (1995) nos ensina os significados de macho/fêmea, masculina/feminino, isto, influência nas afirmações das diferenças, sendo um dos causadores de violência contra mulher, tornando-se um problema social que atravessa os estudos de gênero e tem sido usado como categoria de análise.

A sociedade apresenta aos indivíduos padrões sociais, em diferentes contextos a ser seguidos, como é o caso da família. Então, na segunda dissertação intitulada "Famílias Lesboafetivas: descortinando as relações de gênero e sexualidade entre mulheres", retrata as novas configurações sociais sobre o ser mulher, e como isto tem influenciado nas mudanças sociais contemporâneas no que tange à família. Essa problemática ainda é considerada revolucionária, pois os desafios a serem enfrentados nas relações afetivas-sexuais ainda atravessa discriminação e preconceito.

Em vista disso, é possível compreender que se trata de uma construção social que cada cultura estabelece em relação aos sexos de maneira que um elemento constitutivo de relações sociais baseiam-se nas diferenças percebidas entre os sexos e na forma de seus significados.

É evidente que o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFPI) tem viabilizado ampliar as problemáticas abordadas por meio das linhas e núcleos de pesquisas, a despeito de violência de gênero, o Núcleo de Estudos em Gênero e Desenvolvimento (ENGENDRE): têm objetivado incluir as questões de gênero nas discussões e pesquisas acadêmicas, assim como em espaços sociais. Porém, os estudos têm ganhado visibilidade e conquistas, conforme a tabela a seguir mostrará.

Turma de 2017

	AUTOR/A	ORIENTADOR	TÍTULOS	PALAVRAS-CHAVE	PROBLEMÁTICAS
1	Carolina Alves Leite	Maria Rosângela de Sousa	Mães empoderadas: à maternidade em grupos de apoio a mães em Teresina.	Maternidade, Empoderamento, Identidade.	O estudo teve como objetivo investigar e entender os sentidos da maternidade para mulheres-mães , que se relacionam em grupos de apoio às questões de maternidade, e como respondem aos dilemas e conflitos que esta as obstina, a partir do contato com ideias sobre feminino em grupos de mães via rede social. A pesquisa esclarece se realmente é constituída a identidade de mãe, como ela é construída e de que forma contribuições feministas moldam os pensamentos dessas mulheres, enquanto mães e como sujeitas de direito no exercício de suas individualidades
2	Jahyara Kely de Oliveira Sousa	Rita de Cássia Cronenberg Sobral	Perspectivas de mulheres em situação de violência doméstica e familiar nas rotas críticas em Teresina-PI	Gênero, Violência Doméstica e Familiar, Mulheres, Perspectivas, Rotas Críticas.	Foi levantada a seguinte problemática: Quais as perspectivas das mulheres em situação de violência doméstica e familiar no curso das rotas críticas? Entendendo por perspectivas as formas como as mulheres viam a si e aos outros, bem como as violências e relações de gênero no decorrer das rotas.
3	Liana Lima Gonçalves Azevedo	Mery Alves Mendes	As ambiguidades da participação feminina no tráfico de drogas: o discurso de mulheres sentenciadas em Teresina-PI.	Gênero, Mulheres, Tráfico de Drogas, Poder.	O crime tem sido estudado a partir de uma perspectiva de masculinização da delinquência, invisibilizando as práticas delituosas femininas. Todavia, sabe-se que há um crescimento da participação de mulheres no crime e em cargos de liderança , sobretudo no que se refere ao tráfico de drogas.
4	Alba Valéria de Sousa Batista	Mery Alves Mendes	Atendimento a mulheres em situação de violência doméstica no hospital de urgência de Teresina-PI HUT	Gênero, Violência, Atendimento, Saúde.	Este estudo tem como tema central a violência de gênero, especificamente, a violência doméstica contra a mulher em interface com a saúde, cujo objetivo consistiu em compreender como se processa o atendimentos dos(as) profissionais o Hospital de Urgência de Teresina-HUT às mulheres em situação de violência doméstica . Assim, a categoria gênero torna-se indispensável para análise deste

					fenômeno, posto que remete a relações desiguais entre os eixos.
--	--	--	--	--	---

Tabela 4. Fonte: Mestrado de Sociologia. Autora: Erica Patrícia de Oliveira Santos.

É notável o crescimento dos estudos de gênero com temáticas particulares, como é o caso da dissertação *Mães empoderadas: a maternidade em grupos de apoio a mães em Teresina*, esta tem como problemática os sentidos da maternidade para mulheres-mães que se relacionam em grupos de apoio referentes às questões de maternidade, visando refletir diretamente nos conflitos que cerca a feminilidade. É relevante esclarecer como se constitui a identidade de mãe, como: protetora, a que cuida do lar e sempre cozinha. Porém, tem mudado conforme as novas construções de “ser mulher”, principalmente enquanto mães e sujeitas de direitos no exercício de sua individualidade.

Por outro lado, a segunda dissertação *Perspectivas de mulheres em situação de violência doméstica e familiar nas rotas críticas em Teresina*, ressalta a problemática da violência doméstica e familiar, no curso da rota crítica, entendendo a perspectiva das formas como as mulheres se viam a si e aos outros, bem como as violências e relações de gênero no decorrer das rotas. A compreende as expressões de desigualdades, a qual começa no universo familiar, onde as relações de gênero se constituem no propósito de relações hierárquicas. Os espaços de atuação de mulheres, se reconfiguraram, inclusive, no tráfico de drogas e no trabalho.

As ambiguidades da participação feminina no tráfico de drogas: o discurso de mulheres sentenciadas em Teresina-PI, possibilita ao leitor ter um olhar para a inserção de mulheres em um contexto antes dominado apenas por homens, que é a criminalidade, a problemática apresenta que o crescimento da participação de mulheres no crime e no tráfico de drogas vem crescendo.

Os estudos de gênero revelam que até no contexto da criminalidade se criou um perfil de crimes cometidos por mulheres, crimes passionais ou de maternidade (infanticídio e aborto). Mas como o aumento do tráfico é viável concluir que a sociedade brasileira mudou a visão sobre o “ser mulher”, a participação de mulheres no espaço social mudou bastante, inclusive este é um dos agravantes da imersão de mulheres na criminalidade.

De fato, os estudos de gênero têm ganhado maior visibilidade e fundamentação, destaque a quarta pesquisa, aborda a violência de gênero, evidenciando mulheres em situação de violência, relacionando com o atendimento hospitalar. No contexto hospitalar é onde muitas mulheres escondem a violência sofrida, muitas mulheres ainda têm medo de falar de suas violências, o que leva a muitas justificar as agressões a acidentes domésticos, nunca culpabilizando de fato o agressor. Essa violência constitui-se como um problema social grave e complexo, principalmente no que se refere ao desvelamento de solução, visto que inclui fatores socioculturais, econômicos, políticos, idade, raça/etnia e escolaridade.

Para tanto, os títulos e problemáticas referentes aos anos citados acima, possibilitam enxergar melhor o quanto a linha de estudos de gênero no Programa de Pós-Graduação em Sociologia vem crescendo, os núcleos de estudos também possuem sua parcela de contribuição.

Dados referentes a estudos que abordam a perspectiva de gênero entre os anos de 2018-2021.

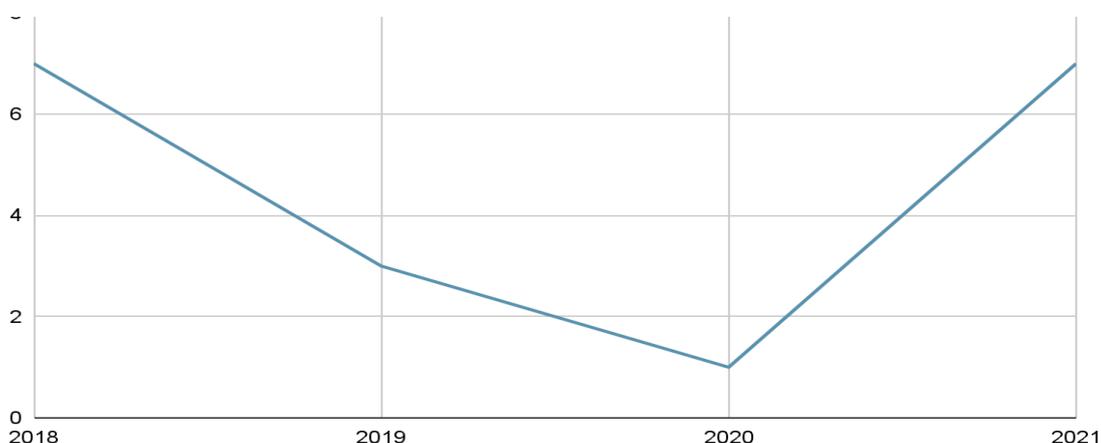


IMAGEM 1. GRÁFICO

Este gráfico apresenta uma análise geral dos índices de dissertações produzidas entre os anos de 2018-2021, que apresentam as temáticas gênero ou violência de gênero. No ano de 2018 foram produzidas 7 dissertações que abordam

estas temáticas, por conseguinte teve uma queda no ano de 2019, com 3 trabalhos produzidos, diminuindo ainda mais ano seguinte com apenas 1, mas no ano de 2021 é observável um aumento significativo na produção com 7 dissertações que discutem gênero ou violência de gênero de maneira particular as problemáticas sociais que nos cercam. Assim, a seguir apresento tabelas que mostrará de modo particular cada dissertação.

Turma de 2018

	AUTOR/A	ORIENTADOR	TEMAS	PALAVRAS-CHAVE	PROBLEMÁTICAS
1	Macilane Gomes Batista	Maria Rosângela de Souza	Gênero, violência contra mulher e a assistência social: percepção de gênero dos profissionais do centro de referência especializada da assistência social CRAS no atendimento às mulheres em situação de violência em Teresina-PI.	Gênero, Violência contra a mulher, Assistência social.	As múltiplas expressões da violência de gênero , especificamente a violência contra a mulher , situa-se como tema central deste estudo. Tal violação significa, dentre vários aspectos, assumi-la como assunto de políticas públicas, problematizando seu enfrentamento em face da institucionalidade vigente, mas, principalmente, adotando estratégias governamentais para proteger socialmente as mulheres . Este cenário tem o intuito de vislumbrar os avanços legais que referenciam garantias e direitos específicos às mulheres e, ao mesmo tempo, o desafio cotidiano do trabalho das equipes multidisciplinares que, dentre suas várias funções, estão em atender os indivíduos e suas famílias em situação de risco social e pessoal.
2	Francisco Weriques Silva Sales	Francineide Pires	"Ao nosso ver é a felicidade" é a liberdade binarismo de gênero e heteronormatividade em sociabilidades juvenis numa escola Teresinense	Educação, Gênero, Sexualidade.	A relação entre escola e sexualidade é marcada por disputas de poder , tensões referentes a posicionamentos diversos acerca do lugar que ocupa a sexualidade na prática dos sujeitos no exercício do processo educacional. No tocante aos corpos dissidentes de gênero e sexualidade , em conflito com a heteronorma, essa relação é, ainda mais, marcada por meticulosa vigilância e disciplinamento.

3	Ianara Silva Evangelista	Mary Alves Mendes	Cê vai se arrepende de levantar a mão pra mim: rotas críticas de mulheres que romperam o ciclo de violência.	Gênero, Violência (mulheres) Políticas de enfrentamento, Rota Crítica.	A violência doméstica e familiar é um problema social grave e complexo, fruto das relações de poder entre os sexos, atinge mulheres de todas as classes sociais, raça, etnia, idade, religião ou nível de escolaridade. O feminismo tem sido fundamental na luta pela igualdade de direitos entre mulheres e homens, tornando esse problema visível e reconhecido como violação de direitos humanos.
4	Mariana Pinheiro Sousa	Rita de Cássia Cronenberg Sobral	Violência de gênero: dos significados produzidos por mães/responsáveis sobre o abuso sexual intrafamiliar infanto-juvenil feminino.	Violência sexual, Violência de gênero, Gênero.	O estudo trata da discussão sobre a violência sexual , na perspectiva de gênero, tendo como ênfase o abuso sexual intrafamiliar de crianças e adolescentes, fenômeno persistente que perpassa por múltiplas relações sociais construídas pelos sujeitos sociais na sociedade brasileira, estando presente independente de raça, etnia, classe social, geração. A violência de gênero se apresenta sob as mais diversas formas e com grandes repercussões para as mulheres, sendo elas adultas ou crianças, e para suas famílias, assim como, para a sociedade e o Estado, tendo em vista demandar políticas de enfrentamento desse fenômeno social. Na história social da humanidade, no que se refere às relações entre os sexos, há predominância da dominação masculina sobre as mulheres, estabelecendo desigualdades de gênero , relações de poderes desiguais e contribuindo ou mesmo provocando violência contra mulheres . O estudo teve como objetivo analisar os significados produzidos pelas mulheres/mães de meninas vítimas sobre o abuso sexual intrafamiliar infanto-juvenil feminino.

5	Erika carolina Porto de Góis	Ludgleydson Fernandes de Araujo	Velhice e masculinidades: um estudo das representações sociais entre homens e idosos participantes de grupos de convivência.	Velhices masculinas, Homens, Representações sociais, Grupos de convivência.	Em todo o mundo visualiza-se um processo de envelhecimento populacional que acarreta várias alterações socioeconômicas e políticas. Amplia-se o entendimento da existência de velhices evidenciando a pluralidade e heterogeneidade desse fenômeno. Quando se trata da velhice masculina ressaltam-se as dificuldades vivenciadas pelos homens nessa fase da vida, quando se confrontam os discursos de masculinidade e as práticas sociais , especialmente, nos aspectos relacionados ao trabalho, família, sexualidade e autocuidado. Destarte, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as representações sociais das velhices masculinas entre homens idosos participantes de grupos de convivência. Pauta-se na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici porque permite aprofundar os múltiplos saberes e partilha das experiências possíveis na velhice uma vez que propõe visitar os conceitos empreendidos na história, tornar familiar algo que seja estranho em algum momento pretendendo travar novos diálogos e escolhas na construção das identidades, motivando uma ciência mais próxima do cotidiano
6	Karolna Pessoa Texeira Carlos	Ludgleydson Fernandes de Araújo	Representações sociais da velhice LGBT: estudo comparativo entre universitários	Velhice, Universitários, Velhice LGBT, Representações Sociais.	O idoso é a parcela da população cada vez mais representativa numericamente. A sexualidade vem sendo discutida nos últimos tempos como peça fundamental do envelhecimento ativo, porém quando se trata da sexualidade de idosos com um recorte específico, o público LGBT, que se entende os sujeitos que se identificam Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, esse debate é permeado de estigmas e preconceitos. Neste sentido surgem alguns questionamentos como: o que pensam os estudantes universitários sobre a velhice LGBT? Esses idosos têm condições de levar uma vida tranquila e segura? Em vista disso, objetivou-se verificar e comparar as representações sociais de três grupos de estudantes universitários dos cursos de direito, psicologia e pedagogia acerca do envelhecimento LGBT .

7	Samira Ramalho de Ribeiro Souza	Rita de Cássia Cronemberg Sobral	Gênero e sexualidade: discursos de mulheres feministas sobre pornografia	Gênero, Sexualidade Pornografia, Mulheres Feministas.	O problema desta pesquisa é entender que sentidos são produzidos sobre a pornografia pelas mulheres feministas e como o gênero contribui para essas produções de sentido e seus processos.
---	---------------------------------	----------------------------------	--	---	--

Tabela 5. Fonte: Mestrado de Sociologia. Autora: Erica Patrícia de Oliveira Santos.

Com 7 (sete) dissertações⁵ que abordam gênero de modo particular, o ano de 2018 destaca-se pela célebre continuidade aos estudos desenvolvidos no programa com distintas formas de apresentar gênero em suas problemáticas.

[...] “se propôs gerar conhecimentos sobre as condições de vida das mulheres resgata do passado e do presente contribuições das mulheres para a sociedade e para a cultura; fazê-las visíveis na história, na criação e na vida cotidiana” (BARBIERI, 1993, p. 03)

Partindo desta perspectiva a dissertação 1 (um) aborda violência contra a mulher, apresentando a seguinte problemática: assumir que a violência contra mulher é um assunto de políticas públicas, problematizando seu enfrentamento em face da institucionalização vigente, visando estratégias de governo para proteger socialmente as mulheres, viabilizando vislumbrar as garantias de direitos específicos às mulheres.

A terceira dissertação complementa a primeira com o seguinte título: *Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim: rotas críticas de mulheres que romperam o ciclo da violência*. É fundamental focar que as problemáticas destas duas dissertações deixam esclarecido as lutas a serem enfrentadas fruto das relações de poder entre os sexos, atinge as mulheres em todos os sentidos, seja, raça, etnia, religião ou idade, para cada aspectos a violência se apresenta de maneira particular.

⁵ Destaco que algumas dissertações que não foram colocadas as palavras chaves, foi porque ao acessar o site do Programa de Pós-Graduação em Sociologia não se encontravam disponíveis para o acesso, logo estas não se encontram no banco de dados.

Por outro lado, a segunda dissertação mostra uma problemática que provoca medo, porque ainda existe a insegurança, por conta dos índices de violências praticadas em espaços escolares contra LGBT's, ao problematizar as dinâmicas e discursos que evocam essas formas de sexualidade e gênero no espaço escolar. É viável compreender que neste espaço sociocultural, se constrói sujeitos e significados. Para Butler (2016, p. 21)

O gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.

A dissertação 5 (cinco) Velhices e masculinidades: um estudo das representações sociais entre homens idosos participantes de convivência, demonstra que o processo de envelhecimento compreende a pluralidade e homogeneidade, quando se trata da velhice masculina, relacionando aos aspectos trabalho, família, entre outros, ainda é um problema social.

Logo, a violência de gênero penetra nas estruturas e camadas sociais de diferentes formas, às vezes demorando anos para ser percebida, como é o caso da violência sexual, destacada na dissertação 4 (quatro) tendo por tema violência de gênero: os significados produzidos por mães/responsáveis sobre o abuso sexual intrafamiliar infanto-juvenil feminino. Esse estudo trata a discussão sobre a violência sexual, na perspectiva de gênero, tendo como destaque o abuso sexual de crianças no contexto familiar, sendo que infelizmente é uma problemática que persistem em múltiplas relações de diferentes formas, mesmo com direitos alcançados as mulheres são vítimas de abuso logo na infância.

A terceira dissertação Representações sociais da velhice LGBT: Estudo comparativo entre universitários, apresenta uma temática pouco abordada que é a velhice, em contrapartida apresenta o viés da sexualidade como sendo um tabu se tratando da população idosa, tornando-se mais delicada quando se trata do público LGBT2, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Esse assunto permeia as entranhas da sociedade, ainda com preconceito e discriminação, ao longo de suas trajetórias constituídas por representações.

Por fim, a percepção da pesquisa 1 (um) que tem como problema de pesquisa entender que sentidos são produzidos sobre a pornografia pelas mulheres feministas e como o gênero contribui para essas produções de sentido e seus processos.

A quinta pesquisa que aborda a violência de gênero, evidenciando mulheres em situação de violência, relacionando com o atendimento hospitalar. No contexto hospitalar é onde muitas mulheres escondem a violência sofrida, muitas mulheres ainda têm medo de falar de suas violências, o que leva a muitas justificar as agressões a acidentes domésticos, nunca culpabilizando de fato o agressor. Essa violência constitui-se como um problema social grave e complexo, principalmente no que se refere ao desvelamento de solução, visto que inclui fatores socioculturais, econômicos, políticos, idade, raça/etnia e escolaridade.

Turma de 2019

	AUTOR/A	ORIENTADOR/A	TEMAS	PALAVRAS-CHAVE	PROBLEMÁTICAS
1	Tayná Egas Costa	Francineide Pires Pereira Rosana Maria Marinho	No tempo do ensino médio o armário era mais apertado do que hoje experiência de mulheres lésbicas no ensino privado de Teresina (PI)	Etnobiografia, Lesbianidade, Trajetória Escolar	Esta pesquisa busca compreender a partir das memórias de mulheres lésbicas , ex-alunas da rede privada de ensino da cidade de Teresina, os significados atribuídos às suas tentativas de encontrar condições para a consecução dos afetos e desejos nas suas trajetórias escolares. A pesquisa utilizou uma abordagem etnobiográfica
2	Vivian Kallen Batista de Carvalho	Francisco de Oliveira Barros Junior Mary Alves Mendes	Gênero e sexualidade no contexto da escola: a produção de sentidos das práticas discursivas	Gênero-Escola, Sexualidade-Escola, Desigualdade.	O espaço escolar, por meio dos/as sujeitos/as que o compõem, configura-se num lócus marcado por diversidades e diferenças. Todavia, quando essas produzem discriminações e preconceitos se constituem em grave problema social. Sendo assim, o objetivo deste estudo é compreender os sentidos das práticas discursivas a respeito de gênero e sexualidades no contexto de uma escola pública, de ensino médio, em Teresina, PI, tomando como referência

					os/as estudantes, com a finalidade de identificar a presença de discriminações e seus fatores desencadeadores e/ou potencializadores de desigualdades no tocante às estudantes mulheres e LGBT por parte dos/as sujeitos/as que compõem a escola (docentes, discentes e corpo administrativo).
3	Suzianne Jackeline Gomes dos Santos	Francisco Oliveira Barros Junior Mary Alves Mendes	"Não quero ter mais filhos", relações de gênero na trajetória de mulheres laqueadas	Mulheres- condições sociais, Relações de gênero, Laqueadura, Narrativas de vida.	A realização da laqueadura se destaca na sociedade brasileira como uma das principais formas utilizadas no controle da fecundidade por mulheres. Em Teresina, a busca frequente por este método chamou atenção para as motivações presentes por trás das narrativas de "não quero ter mais filhos(as)". Esta pesquisa tem como objetivo analisar como as relações sociais de gênero perpassam e se configuram no processo de escolha de mulheres pela laqueadura como forma de controle de fecundidade.

Tabela 6. Fonte: Mestrado de Sociologia. Autora: Erica Patrícia de Oliveira Santos.

Fatores simbólicos persistem em nossa sociedade de diferentes formas por meio de problemáticas sociais, assim a dissertação 3 (três) apresenta a seguinte problemática, os sentidos das práticas discursivas a respeito de gênero e sexualidades no contexto de uma escola pública, de ensino médio, em Teresina- PI, tomando como referência os/as estudantes, com a finalidade de identificar a presença de discriminações e seus fatores desencadeadores e/ou potencializadores de desigualdades no tocante às estudantes mulheres e LGBT.

Assim, a segunda dissertação apresenta a discussão de gênero no contexto educacional privado, abordando a problemática de mulheres lésbicas, ex-alunas da rede privada de ensino da cidade de Teresina. Ser mulher na sociedade conservadora tradicional é complexo, sendo mais difícil ainda para uma mulher lésbica, as imposições sociais independentes de suas vontades, compreende mecanismos de dominação do modo de agir, pensar e sentir.

Por seguinte, a quarta dissertação continua a linha de raciocínio de imposições sociais, como é o caso da laqueadura. A realização da laqueadura se destaca na sociedade brasileira como uma das principais formas utilizadas no controle da

fecundidade de mulheres. Todas as pessoas possuem seus direitos garantidos por leis, mas algumas normas ainda refletem o sexismo e o controle social sobre o corpo da mulher, como é o caso do processo legal que possibilita a laqueadura.

Segundo a lei, uma mulher só pode fazer uma laqueadura se já tiver pelo menos dois ou três filhos e de idade superior a 27 anos, inviabilizando as mulheres a exercerem suas vontades, como é o caso de mulheres que não desejam ser mães. Pois tal prática ainda é tido como algo anormal e tirando da mulher a escolha mais eficiente para evitar a procriação - pois a outras formas de "ser mãe", como a adoção.

Estes aspectos, compreendem uma consciência coletiva que retrai o sujeito a não exercer a sua consciência e ações individuais, como se a sociedade fosse uma grande orquestra e todos tivessem que seguir o mesmo ritmo, caso você não siga sofrerá sérios coerções.

Turma de 2020

	AUTOR/A	ORIENTADOR/A	TEMAS	PALAVRAS-CHAVE	PROBLEMÁTICAS
1	Anna Caroline de Almeida	Rita de Cássia Cronemberger Sobral	O gênero na violência sexual contra meninas: relatos processuais da comarca de Codó - MA	Violência-Crianças, Gênero, Crianças, Adolescentes- Violência.	As relações de poder constituídas a partir das desigualdades de gênero e as hierarquias sociais estabelecidas entre homens e mulheres são alguns dos fatores que ajudam a compreender a violência produzida e reproduzida no âmbito doméstico e familiar. Nesse cenário, a violência contra meninas encontra terreno fértil nas relações de poder intrafamiliares pautadas pelo adultocentrismo e autoritarismo, agravadas pela desigualdade de gênero , o que torna a família, em muitas ocasiões, um <i>locus</i> de perpetuação de diversas opressões. Assim, as crianças e adolescentes do sexo feminino são profundamente atravessadas pelas violências de gênero decorrentes das desigualdades forjadas no âmbito doméstico e familiar, o que requer uma reflexão aprofundada acerca do contexto em que elas ocorrem, suas origens, causas e desdobramentos . O presente estudo se propõe a analisar a violência de gênero contra meninas a partir dos processos intitulados 'Medidas de Proteção à Criança e ao Adolescente', que tramitaram ou estão em tramitação na 3ª vara da comarca de Codó/MA, ocasião em que serão analisados casos concretos de crianças e adolescentes do sexo feminino vítimas de abuso sexual e demais violências, ocorridas no contexto doméstico e/ou familiar, que culminaram com a aplicação de medidas de proteção previstas

					no Estatuto da Criança e do Adolescente, mormente o acolhimento institucional.
--	--	--	--	--	--

Tabela 7. Fonte: Mestrado de Sociologia. Autora: Erica Patrícia de Oliveira Santos.

É notável uma queda no banco de dados do mestrado, principalmente referentes a pesquisas que abordam gênero e violência de gênero. É importante destacar que o ano de 2020 foi um ano bastante difícil, no qual o vírus SARS-COV-2, popularmente conhecido como COVID-19, que até então era desconhecido da população geral, atingiu a população mundial vindo a causar uma grande pandemia que matou bastante pessoas e que infelizmente ainda persiste de forma menos agravante.

O isolamento social dos indivíduos foi necessário para diminuir o nível de propagação do vírus, este fator viabilizou o aumento nos índices de violência no contexto familiar. Conforme dados disponibilizados pelo Relatório de Criminalidade 2020 violência contra a mulher⁶, ocorreu uma queda de -7,36% de denúncias presenciais se comparado com ano de 2019, por outro lado, os índices de denúncia pelo botão do pânico aumentaram cerca de 20,96%, de fato o isolamento social causou sérios danos aos indivíduos sociais.

Infelizmente a violência sexual ainda ocorre no ambiente familiar, com maior frequência. A dissertação O gênero na violência sexual contra meninas: relatos processuais da comarca de Codó-MA, ressalta que as relações de poder hierarquizadas entre homens e mulheres viabilizam o crescimento dos índices de violência no contexto familiar e doméstico, onde o poder adultocentrismo é predominante.

Turma de 2021

	AUTOR/A	ORIENTADOR /A	TEMAS	PALAVRAS-CHAVE	PROBLEMÁTICAS
1	João Victor mendes Carvalho	Rossana Maria Marinho Albuquerque	Louvai a Deus com danças: um estudo de gênero sobre a participação	Sociologia-Religião, Igrejas Evangélicas, Dança Litúrgica,	Predominantemente feminina , a dança tomada em sua dimensão religiosa no protestantismo é algo muito recente e está atrelada ao movimento de pentecostalização das igrejas evangélicas. Uma vez que os

⁶ Relatório disponibilizado pela Secretaria de Segurança Pública data do acesso.

			masculina na dança litúrgica	Masculinidades.	homens são minoria neste tipo de atividade e que a atuação destes sujeitos desenvolve-se mediante um contexto de padronização corporal ou ainda comportamental, o presente trabalho tem como objetivo compreender como se dá a construção de masculinidades na dança litúrgica das igrejas evangélicas na cidade de Teresina/Piauí.
2	Vanda Lopes Camblé	Rossana Maria Marinho Albuquerque	Mulheres em situações de violência doméstica em São Tomé e Príncipe	Mulheres-Violência doméstica Colonização, (De)colonialidade, São Tomé e Príncipe.	A violência doméstica contra a mulher é um dos desafios mais importantes e complexos para os países, especialmente para os países colonizados, pelos efeitos negativos que tem sobre a saúde, o desenvolvimento econômico e social, a segurança e a paz social. Em São Tomé e Príncipe, de acordo com o art. 5º da lei 11/2008, violência doméstica e familiar contra mulher é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.
3	Jullyane Alves Teixeira	Rossana Maria Marinho Albuquerque	Rompendo armários: a experiência profissional de trabalhadores administrativos LGBT+ em ambientes universitários	Experiência profissional, Mercado de trabalho, Relações, Identidade de gênero.	Esse estudo tem por objetivo analisar a experiência profissional de trabalhadores e trabalhadoras LGBT+ que estão inseridos no mercado de trabalho, mais especificamente na área administrativa de universidades e faculdades públicas e privadas da cidade de Teresina-PI. Nesse sentido, busca-se entender se esses profissionais se sentem confiantes para expor sua orientação sexual ou identidade de gênero em seu ambiente laboral, como é sua relação com chefe e colegas, se têm encontrado acolhimento e oportunidades de desenvolvimento profissional igualitárias ou se relatam sofrer qualquer tipo de discriminação.
4	Lucas Eduardo da Silva Melo	Francisco de Oliveira Barros Júnior	Envelhecer puta: um olhar etnográfico para o envelhecer do corpo prostituído	Prostituição, Interseccionalidade, Envelhecimento	O estudo sobre a prostituição feminina no Brasil, não apenas possibilita uma maior visibilidade às vivências e às sexualidades periféricas como também realiza uma análise onde corpo, capital, poder, socialidade e vulnerabilidade estão presentes nas relações ali construídas. Este trabalho almeja promover uma discussão na relação corpo e gênero analisando a experiência do envelhecer em mulheres condicionadas à prostituição de rua em Teresina.
6	Maria Clara Fernandes Silveira	Rita de Cássia Cronemberger Sobral	Conforme a ordem de gênero muda, novas trajetórias se tornam possíveis: homens trans em Teresina-PI	Transmasculinidade, Gênero, Transgênero.	A visibilidade da identidade transmasculina no Brasil é relativamente recente, o marco data do ano de 2010. Antes disso, pouco se falava de homens trans. Esta pesquisa faz uma investigação sobre como a ordem dominante de gênero impacta na vida de homens transgênero, no caso, que vivem na cidade de Teresina, estado do

					Piauí. Como referencial teórico se destacam discussões sobre gênero, masculinidade e transexualidade masculina.
7	Veronica Maria Silva Pereira e	Maria Rosângela de Souza	Que pode o corpo negro e periférico? (R) existências de jovens mulheres na Universidade Federal do Piauí (UFPI)	(R)existências Jovens Mulheres Negras, Interseccionalidade, Ensino Superior Público, Universidades Ocidentalizadas, UFPI, Sociopoética.	Esta pesquisa nasce das minhas implicações pessoais e acadêmicas, tendo como bases teóricas o pensamento de intelectuais negras/os, o feminismo negro e as teorias decoloniais. O tema-gerador são as (re)existências de jovens mulheres negras e periféricas, estudantes da graduação na Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, Piauí. O objetivo geral foi produzir e analisar conceitos (conceitos perpassados por afetos) sobre as vivências e (r)existências de jovens mulheres negras e periféricas na UFPI

Tabela 8. Fonte: Mestrado de Sociologia. Autora: Erica Patrícia de Oliveira Santos.

Ao organizar essa tabela, foi viável notar que no site⁷ do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, em específico no item Bancos de Dissertações, onde é possível ter acesso a todas as dissertações do mestrado, de novembro de 2021 a janeiro de 2022 somente três dissertações foram depositadas, ou seja, anexadas ao banco de dados da oitava turma.

Mesmo com os avanços no meio acadêmico dos estudos de gênero é possível notar por meio das problemáticas citadas anteriormente, que a violência se afirmar de diferentes formas, seja de maneira simbólica ou não.

A primeira dissertação apresenta as discussões de gênero no contexto religioso, de duas maneiras, primeiro a dança é predominantemente feminina, segundo a dança tomada em sua dimensão religiosa no protestantismo é algo muito recente e está atrelada ao movimento de pentecostalização das igrejas evangélicas. As diferenças se afirmam de diferentes maneiras ao se tratar de gênero, fica visível na segunda dissertação as diferenças existentes no contexto policial, considerando que a profissão ainda é masculinizada, a inserção de mulheres é uma quebra dos paradigmas.

Na dissertação 3 a problemática da violência doméstica é apresentada, no contexto da cidade de São Tomé e Príncipe, a violência doméstica contra a mulher é um dos desafios importantes e complexos para os países, especialmente para os

⁷ <https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=614>

países colonizados, pelos efeitos negativos que tem sobre a saúde, o desenvolvimento econômico e social, a segurança e a paz social.

Por outro lado, a quarta pesquisa apresenta a experiência profissional de trabalhadores e trabalhadoras LGBT+ que estão inseridos no mercado de trabalho, mais especificamente na área administrativa de universidades e faculdades públicas e privadas da cidade de Teresina-PI. Nesse sentido, busca-se entender se esses profissionais se sentem confiantes para expor sua orientação sexual ou identidade de gênero em seu ambiente laboral.

A quinta pesquisa apresenta estudo sobre a prostituição feminina no Brasil, não apenas possibilita uma maior visibilidade às vivências e às sexualidades periféricas como também realiza uma análise onde corpo, capital, poder, socialidade e vulnerabilidade estão presentes nas relações ali construídas. Este trabalho almeja promover uma discussão na relação corpo e gênero analisando a experiência do envelhecer das mulheres que se prostituem.

Por outro lado, a (6) sexta pesquisa, aborda a visibilidade da identidade trans masculina no Brasil, é relativamente recente, o marco data do ano de 2010. Antes disso, pouco se falava de homens trans. Esta pesquisa faz uma investigação sobre como a ordem dominante de gênero impacta na vida de homens transgênero, no caso, que vivem na cidade de Teresina, estado do Piauí.

Por fim, a sétima dissertação, aborda a problemática de jovens mulheres negras e periféricas, estudantes da graduação na Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, Piauí. Trazendo um novo olhar para os estudos feministas (de)coloniais.

Conforme a organização dos dados foi possível perceber que no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), têm organizado em um banco de dados todas as dissertações do programa, porém, neste sistema se encontra 66 dissertações disponíveis para o acesso, desta forma, ficou alguns trabalhos sem palavras chaves, porque ainda não foram depositadas, logo não foram encontrados por completo, tendo duas observações interessantes, a primeira: quando é realizada a pesquisa pelo celular com o Google drive ativado as dissertações aparecem no celular como se já existia no Google drive, por outro lado, quando a pesquisa é realizada pelo computador, é possível ter acesso ao nome do autor ou autora da dissertação,

orientador ou orientadora, e o resumo do trabalho, contudo não aparece as palavras chaves, assim quando a pesquisa foi realizada pelo computador foi possível detectar 79 dissertações, conseqüentemente foi possível notar que quando o computador não estava conectado ao Google drive, era possível ver as categorias citadas e não o trabalho completo.

É importante evidenciar que os estudos de gênero foram iniciados no ano de 2014, mas com uma perspectiva diferente, em que o olhar sobre gênero na mídia caxiense, ainda seria o início do que viria a ser pesquisado. Por outro lado, 2015 estudos abordam violências conjugais como, isto afeta as mulheres e seus filhos, sem desconsiderar, o ano de 2016 no qual a violência jornalística contra a mulher, uma análise linguística, mais uma vez evidencia que é necessário um estudo mais profundo sobre violência de gênero.

Por conseguinte, em 2017, a dissertação colocada em evidência a figura das mães e o empoderamento delas, apresenta os grupos de apoio e mulheres em situação de violência. Por fim, a dissertação seguinte mostra o envolvimento de mulheres no tráfico de drogas, destacando suas vivências nesse ambiente social com maior predominância masculina.

A cada ano ocorre uma inter-relação com as mudanças sociais, logo, no período de 2018, por meio das tabelas foi possível notar um avanço nos estudos abrangendo a categoria: gênero. Para tanto, em um trabalho é abordado a análise dos atendimentos no CREAs, o atendimento para mulheres que sofrem violência, traz um olhar sobre as pessoas que trabalham no atendimento e como elas entendem o conceito de gênero.

Entre os anos de 2019-2021 foi notável o aumento nas pesquisas envolvendo estudos de gênero, considerando que no ano de 2018 surge um olhar mais voltado para o gênero, buscando saber como este é compreendido e desenvolvido ao longo dos anos. É visível por meio das tabelas que os estudos de gênero ainda estão principiando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, todavia apontam para relevantes perspectivas e empreendimento da área, tanto em termos locais como regional. São muitas as demandas que podem ser caracterizadas pelos aportes dos estudos de gênero na realidade piauiense e de estados vizinhos.

Portanto, é possível notar a importância de pesquisadores preocupados a desenvolver pesquisas e estudos científicos que façam uma linha histórica sobre a

temática enfatizada, sem desconsiderar as construções sociais das diferenças sexuais. Em suma, o próximo capítulo que se segue abordará os principais referenciais teóricos destacados no resumo das dissertações.

3. PRINCIPAIS APORTES TEÓRICOS DOS ESTUDOS DE GÊNERO OBSERVADOS NAS DISSERTAÇÕES.

Neste capítulo apresento os principais aportes teóricos que foi possível capturar nas dissertações analisadas. Observado os autores e autoras, suas referências analíticas para embasar as discussões e interpretações das problemáticas mapeadas nas dissertações elaboradas na linha de gênero, sexualidade e geração –

(2014-2021) percebe-se que existe um conjunto de conceitos e categorias analíticas que expressam as proposições relacionadas aos clássicos estudos de gênero e estes orientam os percursos investigativos enfocados em suas dimensões teóricas e práticas. Embora as pesquisas configurem uma diversidade de interlocutores, temas e problemas, constata-se certa intertextualidade nos modos como os pesquisadores/as constituem suas percepções.

3.1 Pontuando os estudos de gênero no contexto científico

O contexto social é constituído por muitos conflitos que instigam os Cientistas Sociais a buscarem sua compreensão, logo o interesse por determinada temática é definido. Desta forma, o pesquisador deve seguir padrões científicos para legitimar o conhecimento, incluindo o rigor científico e metodológico.

A constante produção de conhecimentos abrange a utilização de serviços de uma grande burocracia científica, proveniente de técnicas, equipamentos modernos e mão de obra. Para Bourdieu (1983) o campo científico é um sistema de relações objetivas e subjetivas que envolve as posições de autoridades científicas. O que constitui amplas abordagens, operações de análise em conjunto com modelos estatísticos de dados e formalização dos resultados mais favoráveis às suas capacidades intelectuais e institucionais, resultando em conflitos epistemológicos inevitáveis.

Desta maneira, conforme Bourdieu (1983), a competência científica seria para representação do social e poder simbólico, marcado por emblemas, signos e o que seria pura capacidade técnica, capaz de compreender a razão social que se legitima, apresentando-se como razão puramente tecnicista utilizada pelo pesquisador.

Reconhecendo que a ciência deseja chegar a conhecimentos exatos e abrangentes para exercer controle sobre o mundo natural, os conflitos epistemológicos consistem em usar a ciência como meio de legitimação, porque a ciência é o saber da razão (VASCONCELOS, 2009). Partindo deste pressuposto, os estudos de gênero ao longo dos anos alcançaram o reconhecimento das ciências, enquanto área de estudo e desenvolvimento.

É primordial destacar que o espaço feminino na sociedade foi se construindo ao longo dos anos, conforme suas lutas por igualdade de direitos perante os homens. É importante esclarecer que o acesso das mulheres às universidades viabilizou o

avanço dos estudos de gênero e sexualidades. Contudo, este processo educacional não se inicia somente no ensino superior, mas desde o momento que ingressam no ensino infantil, quando o processo de socialização ocorre fora do universo familiar. Refletir sobre a educação das mulheres é fundamental para compreender os desafios destacados pelos feminismos ao longo dos anos.

Conforme os estudos feministas foram avançando ao longo de diversos momentos históricos, a visão e as conquistas dos direitos das mulheres foram inevitáveis. O feminismo aparece como um movimento libertário, que reivindica os espaços para as mulheres, no trabalho, na vida pública, na educação e por novas formas de relacionamento entre homens e mulheres, sendo esta última essencial para que as mulheres possam ter liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010).

Ao longo da construção do desenvolvimento científico, a importância das pesquisas e estudos sobre a temática gênero e violência de gênero se mostrou de grande valia para a construção do conhecimento e entendimento da construção social da vida contemporânea. Os estudos sobre violência de gênero desenvolveram no Brasil e no mundo reflexões teóricas que potencializaram o campo de pesquisa e conhecimento repercutindo na criação de legislações e especializações no campo penal, criminalizando a violência em diferentes âmbitos sociais, doméstico e/ou no âmbito trabalhista.

Além de darem evidência a uma série de políticas públicas de enfrentamento a estas formas de violência. As discussões e a criação de estratégias para o enfrentamento da violência compreendem a esfera política (NIELSSON, DELAJUSTINE, 2020).

O movimento feminista contribuiu para a construção de conhecimentos epistemológicos e políticos. Conforme Segato (2013), para a compreensão das violências de gênero, é necessária uma reflexão das configurações de como se está construindo os estudos, teorias e quais os caminhos e às permanências do conservadorismo e patriarcalismo no Brasil, mesmo diante dos avanços científicos que serão destacados a seguir no próximo tópico.

3.2 Reapresentação dos temas, teorias e conceitos de gênero presentes nas dissertações do PPGS-UFPI.

O levantamento e mapeamento das pesquisas efetivadas entre 2014-2021 podem ser representadas através da formação de nuvens de palavras, destacando autores e autoras, os conceitos e teorias que constituem suas obras, assim como os problemas sociais a serem interpelados e interpretados. Uma nuvem de palavras é uma representação visual da frequência em que determinadas palavras foram citadas, uma forma de acessar o valor que essas palavras adquirem nos textos ou nas questões. É um gráfico digital que descreve visualmente um determinado assunto.

A representação da frequência de vezes que determinados autores são referendados nas dissertações são percepções de como os estudos de gênero tem sido compreendido a partir das falas e discursos de autores e autoras que compõem as nuvens. Quanto mais citado é um autor ou autora, mas ele se configura numa perspectiva de destaque. Vejamos a primeira nuvem de palavras compostas por estudiosos e estudiosas presentes nos resumos das dissertações do PPGS.



Imagem 2. Nuvem de Palavras – Autores em Destaque

Por meio da análise dos números de autores citados nos resumos ficou perceptível o grande índice de apropriação das percepções dos sentidos de gênero dos autores/autoras evidenciados acima, a partir da organização dos dados foi viável observar a apropriação teórica de Saffioti com a frequência de repetição em (9) nove resumos, com o mesmo número de Bourdieu e Foucault, os mais destacados, no entanto o maior índice de apropriação foi de Scott sendo citada treze (13) vezes nos resumos.

Desta maneira, a dissertação de Fernando da Silva Sampaio com o título *Projetos de Gênero na Mídia Caxiense*, orientado pela Prof. Dr^a Francineide Pires Pereira no ano de 2014, tem como marco teórico principal a socióloga australiana Raewyn Connell. O autor Fernando da Silva Sampaio, utilizou os conceitos desenvolvidos por Connell para fundamentar sua pesquisa, tendo como foco os três modelos entrelaçados nas relações de gênero: poder, produção e cathexis.

Nesta pesquisa, o pesquisador Fernando da Silva Sampaio observou o processo de construção de notícias carregadas de princípios, que ajudam a reforçar o poder nas relações de gênero que compõem a construção social. A estudiosa de gênero Connell, tem seus conceitos aplicados em diversas dissertações do Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS-UFPI, inclusive utilizo alguns de seus conceitos como masculinidade e feminilidade, o que inclui, segundo Connell, o sexo biológico, que se afirmar nas constituições das relações sociais entre homens e mulheres, abrangendo uma variação de intersexo que acaba resultando nas atribuições entre os sexos.

A dissertação intitulada *Parentalidade em tempos de judicialização: filiação e cuidado nos discursos jurídicos*, da autora Adriana Rodrigues de Oliveira, orientada por Mary Alves Mendes, traz como discussão, questões problemáticas sobre família e relações de gênero, em específico às relações de poder entremeadas nas masculinidades e feminilidades. Para fundamentar suas ideias Adriana Rodrigues de Oliveira utilizou Bourdieu (2012, 2002), que aborda questões pertinentes na sociedade como dominação masculina, a complementar com Fonseca (2009, 2004, 2002a, 2002b) para analisar a importância do vínculo biológico. Por outro lado, por meio de Saffioti (2004) pretende compreender as ideias da fusão entre patriarcado-capitalismo

e junto delas o racismo, apontando para as relações sociais e a fusão da retroalimentação, a complementar com Scott (2005, 1990) visando ampliar seu olhar sobre a percepção das diferenças sexuais, como se constituem as estas diferenças conforme as culturas.

A segunda nuvem de palavras destaca-se nas categorias e conceitos. Percebe-se como os principais conceitos de Saffioti e Bourdieu foram aplicados e rerepresentados frente às problemáticas investigadas nas pesquisas. Importante ressaltar que embora as palavras estejam soltas no gráfico digital, elas somam um composto representativo de um determinado conteúdo. Na próxima nuvem podemos visualizar a frequência das abordagens de Saffioti e Bourdieu nos estudos sobre violência de gênero.



Imagem 3. Nuvem de Palavras – Autores e Conceitos

Destaque para Saffioti (2004) que fez um diálogo entre a aceção feminista do patriarcado, a partir da leitura sobre a dominação das mulheres pelos homens, e as interpretações do pensamento social brasileiro. Ao longo de seus livros, Saffioti

apresenta suas leituras sobre a dominação patriarcal, revelando seus pensamentos em movimento constante com os diálogos teóricos que tratavam o contexto social e político que ela enfrentava.

Tendo como convicção o marxismo, Saffioti estimulou a difusão das categorias de Marx através das análises que fazia, com destaque no seu livro "A mulher na sociedade de classes", publicado no ápice da repressão ditatorial no país. Ela cria que a análise das relações entre homens e mulheres é parte fundamental para a compreensão do autoritarismo no país.

No ano de 2015, a produção de 4 dissertações que tratam da temática gênero possibilitou observar o gênero de diferentes ópticas. A dissertação intitulada (Des)iguais na diferença: a afirmação técnica das alunas do Instituto Federal Campus Teresina Central, tem como autora Luciana Faria de Araujo Andrade sob a orientação da Profª Drª Mary Alves Mendes, se propõe fundamentar a pesquisa conforme norteasse uma perspectiva de gênero, tomando este como elemento constitutivo das relações e expressões primárias das relações sociais e expressão das relações de poder representada por meio de conceitos-chaves de Scott (1990, 1994, 1995) destacando as relações sociais e Bourdieu (1999, 2002) a explicar os paradigmas culturais de apropriação por meio do capital. Por outro lado, Foucault (1997, 2003) acreditava que o poder tem um alvo, o corpo de cada indivíduo, dirige-se ao corpo das massas, ao conjunto da população e ao seu local de convívio, portanto objeto do biopoder são os fenômenos coletivos, como os processos de natalidade, longevidade, mortalidade e fecundidade a fim de ressaltar soluções dos problemas da coletividade.

Por outro lado, a pesquisa a destacar é de Marcela Castro Barbosa, orientado pela professora Rita de Cássia Cronenberg Sobral, produziu sua dissertação com o seguinte tema: Primeiro as flores, depois as cruzadas: descortinando a violência conjugal na vida de mulheres mãe e dos filhos, em Teresina-PI. Ao utilizar como referência principal Saffioti (2004) Marcela Castro Barbosa, deseja utilizar o conceito de violência de gênero de Saffioti (2004) de maneira a utilizá-lo como lupa para analisar o ambiente familiar e doméstico, justificando as constantes violências, derivado de uma organização social de gênero que tem o homem ou o sexo masculino sendo privilegiado.

“As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelam força e coragem. Isto constitui a raiz de muitos fenômenos, dentre os quais se pode realçar o fato de os seguros de automóveis exclusivamente dirigidos por mulheres custam menos, porque, em geral, elas não usam o carro como arma, correm menos e são prudentes”. (SAFFIOTI, 2015, p. 37)

Ao acrescentar a sua discussão a perspectiva de gênero numa concepção de análise relacional e histórica tem como base Scott (1989), Larentis (1994) relacionados com as relações de poder a partir de Foucault (1979) de modo a acrescentar a visão de poder, quando analisamos as relações de gênero, é possível notar que o discurso constrói o sujeito, por meio de mecanismos culturais, discursivo e o poder presente na construção social individual em que ocorre por meio de um processo unilateral.

O poder de acordo com Bourdieu (2002) está focado no capital social e cultural, considerando importante também a compreensão da violência de gênero, doméstica e conjugal conta com a colaboração de diversos autores: Azevedo (1985), Saffioti (1994, 1999, 2001, 2004) seus conceitos de gênero e violência de gênero entre outros como, Santos e Izumino (2005), Diniz & Pondaag (2006), Giordani (2006), Soares (2009), Strey (2012).

A dissertação de Poliana dos Santos Aguiar intitulada Caminho e descaminhos da convivência familiar: um estudo na instituição de acolhimento casa dom Barreto, orientada pela professora Rita de Cássia Cronemberger, evidenciar o funcionamento de casa de acolhimento, tendo como principal vontade teórica Oriente e Souza (2007). Em seu trabalho Poliana dos Santos Aguiar, fundamenta as complexidades existentes sobre a Casa de Acolhimento, ao acrescentar Rizzini (2006) para justificar a necessidade de acolhimento da criança e adolescentes, sem desconsiderar as barreiras a serem enfrentadas no processo de acolhimento para crianças portadoras de deficiência ou problemas crônicos de saúde. Para Rizzini (2006) garantir a proteção da criança diagnosticada em situação de risco é um dever familiar e do convívio em comunidade, direito garantidos no Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA).

Por fim, na última dissertação que trata da temática pesquisada no ano de 2015 é do mestre João Wallace Linhares de Sousa, sua dissertação tem como título: O efeminado e os outros: diferenças e discriminação em espaços de sociabilidade LGBT

de Teresina-PI, orientado pela professora Francineide Pires Pereira, João Wallace Linhares de Sousa, em sua dissertação traz como aporte teórico Giancarlo Cornejo (2011) para fundamentar como um menino efeminado, compreende seu contexto histórico, a acrescentar estudos de Loiola (2010) ressaltando o papel de diferentes discursos na constituição dos saberes sobre sexualidade, ao acrescentar Bento (2011) João Wallace Linhares de Sousa busca compreender formas de violência que abrange as margens sociais.

No ano de 2016, a pesquisadora Thayaná de Moraes Costa, tem seu trabalho de dissertação intitulado Violência contra mulheres no jornalismo de portal: da banalização a violência metalinguística, orientada pela professora doutora Francineide Pires Pereira, apresenta uma etnografia fundamentada a partir de Flick (2009) quando demandou a imersão profunda no ambiente a ser pesquisado, tendo como ênfase o campo online.

Apresenta o discurso fundamentado por meio de Fairclough (2001) evidenciando os discursos e suas relações com a realidade vivenciada, no qual a linguagem significa a realidade no sentido de construção de significados.

Assim, os nomes de autores/autoras destacados no quadro abaixo mostram a importância de apropriações teóricas das percepções de gênero para fundamentar as problemáticas sociais que compreende gênero e violência de gênero

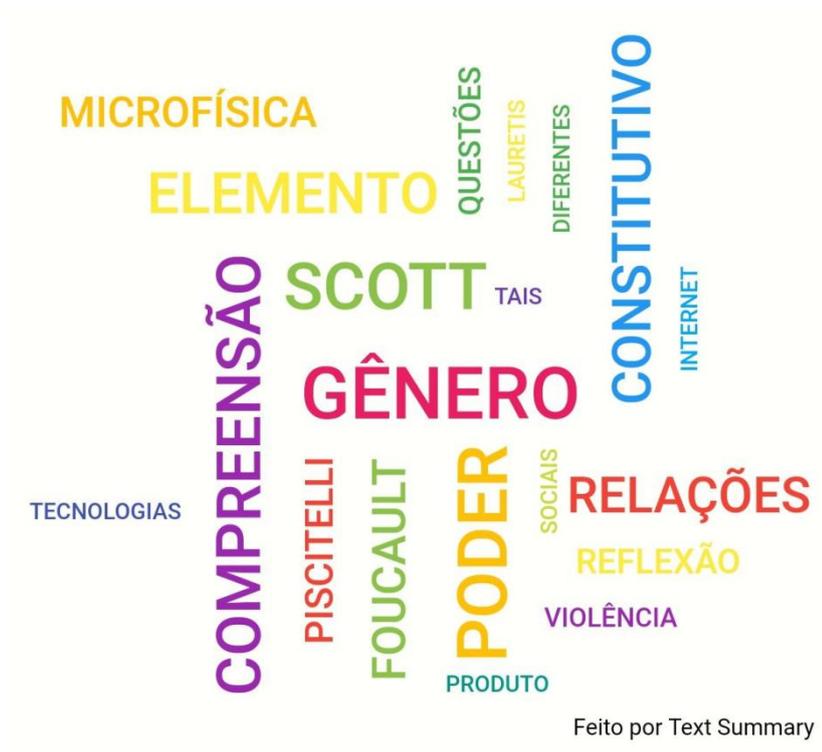


Imagem 4. Nuvem de Palavra - Problemáticas

No que tange às desigualdades de gênero, Scott (1999) possibilita compreender as relações de gênero, considerando a história e as contrações sociais por meio das relações entre os indivíduos. A acrescentar Foucault (1979) e suas ideias de poder como campo de forças, inter-relacionando com Bourdieu (1984) por meio do conceito de campo destacando a influência da esfera simbólica e as relações na constituição das estruturas sociais.

Por outro lado, Maria de Jesus Martins de Andrade Cunha, orientada pela professora Mary Alves Mendes, produziu a dissertação intitulada "Famílias lesboafetivas: descortinando as relações de gênero e sexualidade entre mulheres", utilizou Bourdieu (2004) para explicar o processo cultural fortemente enraizado por práticas e discursos através dos processos de socialização e fortalecidos, muitas vezes por meio das instituições sociais como é o caso da família.

A evidenciar o aumento dos estudos sobre esta temática por meio de Navarro-Swain (1999, 2000, 2002) tendo como foco o sujeito masculino/homoafetivo e não as mulheres lésbicas. Utilizou Scott (1995) para compreender as relações entre os sexos, entende gênero como elemento constituído das relações sociais, permeado por relações de poder, considerando ainda o seu aspecto relacional analítico.

Ao fazer reflexão sobre sexualidade, Maria de Jesus Martins de Andrade Cunha, visa evidenciar os diferentes momentos históricos marcado pela discriminação do sujeito que vivem fora da heteronormatividade, considerando as lutas por legitimação de direitos e de diversidade sexual por meio da desnaturalização a partir da leitura de Frey e Macral (1985).

Ao acrescentar Butler (2015) a autora da dissertação coloca em discussão a historicização dos corpos e dos sexos, por conseguinte, a partir de Costa (2015) questiona as distinções entre os termos, já extensivamente abordado na teoria feminista.

A dissertação de Carolina Alves Leite, sob a orientação da Professora Doutora Maria Rosângela de Souza, apresentou o seguinte tema: Mães empoderadas: a maternidade em grupos de apoio a mães em Teresina. Na qual aborda os sentidos da maternidade para mulheres mães, destacando Badinter (2010) evidencia as conjunturas da sociedade contemporânea, papéis de gênero entre mulheres e companheiros no âmbito doméstico.

A partir de Rago (1998) explica, conforme a visão da autora, que gênero não vem substituir nenhuma outra, mas atende a necessidade de ampliação de nosso vocabulário para compreendermos as multiplicidades das dimensões construtivas das partidas sociais e individuais. Dessa forma, Scott (1995) analisar sentidos de algumas posições ainda heterogênea distinguindo os estudos feminista dos estudos de gênero, primeiro ponto de referência seria o foco ao estudo das mulheres, segundo a compreensão de gênero enquanto categoria sempre relacional, mais os elementos constitutivos das relações sociais, levando em conta a existência de diferenças entre os corpos sexuados. A partir da visão de Butlher (2008) não é só o gênero que é uma construção social, como também é o sexo, funcionando como um ideal regulatório cuja materialização é impostar através do tempo.

Na pesquisa intitulada Perspectivas de mulheres em situação de violência doméstica e familiar, mas rotas críticas em Teresina- PI, de Jahyra Kelly de Oliveira Sousa orientada pela professora doutora Rita de Cássia Cronemberger. A pesquisadora utilizou a perspectiva relacional de gênero de Scott (1989), Connell e Pearce (2015) e Rago (1998).

A aplicação das ideias de Louro (2014) envolvendo a discussão de diferenciação iniciada na desconstrução da ideia de neutralidade e imparcialidade da

ciência tradicional. A rota crítica fundamentada a partir da visão de Sagot (2000) destaca as possibilidades efetivas e eficientes que as colocam em situações a serem denominadas como rotas críticas. Por outro lado, a partir do conceito de poder de Foucault (1995) os poderes que perpassam por tais relações tanto na esfera mais visível e palpável, no sentido de "quem dá as ordens" e quem obedece a um sistema patriarcal.

Para Bourdieu (2009, 2012) a esfera simbólica discute os imperativos cognitivos ou explicações fundantes das relações hegemônicas de gênero e discussões da Rede de enfrentamento e rede de atendimento especializados, relacionando com a mobilização da Lei Maria da Penha Calazans e Cortes (2011) e Romeiro (2009).

Na produção Liana Lima Gonçalves, intitulada: As ambiguidades da participação o feminino no tráfico de drogas: o discurso de mulheres sentenciadas em Teresina-PI, orientada pela professora doutora Mary Alves Mendes, Liana Lima Gonçalves, fundamentar sua dissertação a partir do conceito de gênero de Scott (1995) entendendo o como elemento constitutivo das relações sociais e relações de poder, no que tange poder acrescentou Bourdieu (2002) a partir do seu conceito de relações de poder que se apresenta tanto em nível estrutural como microfísico, se encaixando a Foucault (1997) microfísica do poder presente num conceito culturalmente masculino.

Assim, a mestre Alba Valéria de Sousa Batista, orientada por Mary Alves Mendes, produziu a dissertação intitulada, violência de gênero: o atendimento a mulheres em situação de violência doméstica no hospital de Urgência de Teresina-PI. Com o intuito de capturar discursos, Alba Valéria de Sousa Batista, tomou como base teórica Saffioti (2004) e seu conceito de gênero, classe, raça/etnia. Acrescentou também Soares (2009) para destacar que as violências são sinônimas, D' Oliveira (2000) evidencia a existência de lacunas e imprecisões na compreensão desse fenômeno do ponto de vista de saúde. Sem desconsiderar Minayo (2006) busca o setor da saúde e fala das desigualdades existentes sobre as vítimas.

A dissertação de Macilane Gomes Batista, orientada pela Prof^a. Dr^a Maria Rosângela de Souza, intitulada A percepção de gênero que atravessa o atendimento às mulheres em situação de violência: um estudo com profissionais do CREAS-Norte em Teresina-PI. Desta maneira, para melhor fundamentar sua pesquisa Macilane

Gomes Batista utilizou Scott (1995) partindo do pressuposto da compreensão de gênero como elemento constitutivo das relações de poder. Relacionando com o pensamento de Foucault (2014) e sua ideia de microfísica do poder.

Por meio de Piscitelli (2009) Macilane Gomes Batista faz uma reflexão sobre gênero e as questões de violência de gênero, a acrescentar o conceito de gênero de Lauretis (1994) gênero é produto de diferentes tecnologias sociais tais como internet, rádio, televisão, cinema, ou jornais, e de diversas epistemologias, Pasinato (2015).

A pesquisa do mestre Francisco Weriques Silva Sales, que foi orientado pela professora doutora Francineide Pires Pereira, com o título: Ao nosso ver é a felicidade: binarismo de gênero e heteronormatividade em sociabilidade juvenil numa escola teresinense, utilizou de conceitos comuns às demais dissertações citadas anteriormente, igual situação de Ionara Silva Evangelista, orientada pela professora doutora Mary Alves Mendes, Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim rotas críticas de mulheres que romperam o ciclo da violência. A partir de Scott (1995) ancorando suas concepções de gênero como elemento constitutivo das relações sociais, considerando importante também as questões simbólicas da estrutura social e as afirmações do poder de acordo com as ideias de Bourdieu (2011). O poder está presente em diversas esferas da sociedade, nas adversidades sociais não é diferente, por isso, a importância de destacar as ideias de Foucault (2015).

Por outro lado, Tayná Egas Costa, foi orientada pela professora Francineide Pires Pereira, produziu o trabalho No tempo do armário era mais apertado do que hoje experiências de mulheres lésbicas no ensino privado de Teresina-PI. Uma pesquisa que visa construir uma etnografia das mulheres e ressaltar o discurso assim evidenciar o lugar de fala tendo como base Ribeiro (2017).

Na dissertação o com o seguinte título Gênero e Sexualidades no contexto da escola: a produção de sentidos das práticas discursivas. Gênero e Sexualidades a partir de Connell e Pearce (2015), a complementar com Bourdieu (1989) das estruturas estruturantes e estruturadas, e Foucault (2017) com a discussão das ideias de masculinidades e feminilidades, a perspectiva da educação Louro (1997), mais Miskolci (2014) com a visão do movimento LGBTQIA+.

A pesquisa da dissertação de Suziani Jaqueline Gomes dos Santos, orientada pelo professor Francisco de Oliveira Barros Junior Mary Alves, produziu seu trabalho intitulado: "Não quero ter mais filhos: relações de gênero na trajetória de mulheres

laqueaduras”, fundamentando os estudos de gênero, por meio de Connell e Pearse (2015), com uma visão mais abrangente com direitos contratação Scavone (2005) e Soihet (2015).

Outro trabalho a destacar é o de Anna Caroline Reis de Almeida, orientada pela professora Rita de Cássia Cronemberger Sobral, escreveu a dissertação intitulada O gênero na violência sexual contra meninas relatos processuais da comarca de Codó-MA. Fundamenta sua perspectiva de gênero com base em Joan Scott (1990) conforme a autora gênero é uma categoria útil para a análise histórica, um terreno fixado mas cujo sentido é constante e flutuante, com o uso descritivos de gênero, como um saber sobre as diferenças sexuais, Raewyn Connell (2015).

Na pesquisa de João Victor Mendes Carvalho, intitulada Louvai a Deus com danças: um estudo de gênero sobre a participação masculina na dança litúrgica, orientado pela Prof^a Dr^a Rossana Maria Marinho Albuquerque, fundamentar seu trabalho destacando aspectos importantes como é o caso da danças e o lidar com os corpos nesta modalidade, destacando “o papel central da linguagem na comunicação, na interpretação e na reprodução do gênero” (SCOTT, 1995, p.81), os descaminhos acerca da ordem do gênero se fundamenta em Connel (2015), visando deslegitimar o modelo hegemônico de gênero, tornando os corpos masculinos padronizado principalmente. Por outro lado, a dissertação de Vanda Lopes Camblé, intitulada Mulheres em situação de violência doméstica em São Tomé e Príncipe, sob a orientação de Rossana Maria Marinho Albuquerque, se base em Albuquerque & Comblé (2020) para descrever as narrativas das entrevistas, a complementar com Brandão (2000) a falar de suas percepções de realidades vivenciadas.

Diante do exposto as teorias possibilitam fundamentar as problemáticas existentes na sociedade, sendo capaz de construir novos aspectos epistemológicos científicos, resultando em conhecimentos sobre as problemáticas apresentadas, sendo que por meio de suas bases teóricas ocorre a legitimam da construção de um olhar crítico-reflexivo. Partindo deste pressuposto destaco a dissertação de Macilane Gomes Batista no tópico a seguir.

3.3 Situando os estudos a partir da abordagem da dissertação de Macilane Gomes Batista.

As dissertações analisadas durante todo o processo de construção deste trabalho, possibilitou ter um olhar sensível para a construção dos sentidos de gênero,

assim a dissertação de Macilane Gomes Batista em específico visa analisar as percepções de gênero que atravessa o atendimento especializado à mulher em situação de violência, conforme preceitua as legislações e diretrizes políticas de atendimento e enfrentamento da violência, visando a finalidade institucional, perfil público e dos referidos profissionais para a atuação.

Justifico a seleção desta dissertação para desenvolver um olhar detalhado de sua construção, por ser um tema próximo de minha proposta inicial que visava conhecer o atendimento a mulheres em situação de violência em Teresina, e a pesquisa seria justamente no Centro de Referência Esperança Garcia, que faz parte da Rede especializada em atendimento a mulheres em situação de violência doméstica do município de Teresina. Ao me deter na leitura e compreensão da pesquisa desenvolvida por Macilane Gomes, foi possível adentrar numa problemática que perpassa e afeta o atendimento, acompanhamento e encaminhamento das denúncias de violências sofridas por mulheres que buscam atendimento nas várias instituições que compõe a Rede.

Desta maneira, a dissertação de Macilane Gomes Batista, intitulada A percepção de gênero que atravessa o atendimento às mulheres em situação de violência: um estudo com profissionais do CREAS-NORTE em Teresina-PI, orientada pela Profa. Dra. Maria Rosângela de Souza, visa analisar a percepção de gênero que atravessa o atendimento dos profissionais dos CREAS às mulheres em situação de violência. O CREAS é um dos espaços fundamentais para verificar o caráter das iniciativas dos profissionais e verificar quais procedimentos são tomados durante o atendimento direto às mulheres vítimas de violência. A pesquisa também questionou se a equipe de atendimento está devidamente qualificada ou se reproduz as hierarquias e desigualdades que são características das várias formas de violências de gêneros.

3.3.1 Objeto de estudo

Basear-se no fato de que a assistência social é integrante da rede de atendimento especializado a mulher em situação de violência, de acordo com as legislações e diretrizes políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, bem como a própria política de assistência social, considerando, desta última, suas finalidades institucionais, perfil de público e dos referidos profissionais para atuação.

Gênero é essencial como categoria analítica e de instrumentalização técnica no contexto profissional para uma efetiva atuação com diferentes indivíduos e famílias que se constituem como público diretos.

3.3.2 Principais bases teóricas

- **Scott (1995) e Foucault (2014):** Compreensão de gênero como elemento constitutivo das relações sociais e de poder.
- **Oliveira e Cavalcanti (2007), Grossi (1980), Piscitelle (2002), Laurentis (1994), Bandeira (2005) e Saffioti (2004):** Permitiram a reflexão sobre gênero e violência contra a mulher.

Seu trabalho trata da questão de gênero como relação analítica e política a partir de Scott (1995), para Scott gênero é entendido como uma relação primordialmente política, que ocorre num campo discursivo e histórico de relações de poder. A partir de Foucault (2004) as mulheres são capazes de resistir às constituições da sociedade. A acrescentar Saffioti (2004) a história brasileira é marcada pela violência de gênero dentro e fora do ambiente familiar.

Partindo deste ponto, a violência doméstica contra a mulher constitui um pilar negativo presente na sociedade que com os avanços nos estudos de gênero vem crescendo a criação de políticas públicas.

3.3.3 Metodologia e Eixos investigativos:

- Identificação do público e neste serviço, caracterizando os procedimentos de trabalho desenvolvidos pelos profissionais do CREAS no âmbito da produção social e sua interface com a rede;
- Estudo de caso (CREAS NORTE) – Construído com pressupostos etnográficos em várias fases: observação participativa, produção de dados, entrevistas, oficinas e registros em diários de campo.
- Abordagem predominante qualitativa, esta metodologia é capaz de incorporar a questão do significado e da internacionalização como inerentes aos atos das relações e às estruturas sociais, assim, resulta nas transformações como construções humanas (MINAYO, 1996).

3.3.4 Por que a utilização desta metodologia?

Aprofundar os significados aspirações, crenças, valores que expressam no campo das relações dos processos, fenômenos e representações sociais (MINAYO, 2016). Por meio da abordagem qualitativa se ater a representações, definições, a relação que estabelece com o campo de pesquisa, não como um reservatório de dados, mas como uma fonte de novas questões e ressignificações (NEVES, 1996).

3.3.5 A partir de que parte deste trabalho?

Concepções epistemológicas críticas que envolvem vigilância interna dos instrumentos metodológicos como ponto de partida para uma cientificidade reflexiva a qual deve-se ter consciência das abordagens, bem como de suas possibilidades e limites, reconhecendo que os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos são sempre parte de um sistema mais amplo de significação (MINAYO, 2004).

3.3.6 Como ela busca a compreensão dos sentidos?

Pelos profissionais do CRAS sobre gênero no atendimento às mulheres em situação de violência, fornecendo bases para ampliar uma visão totalizante e relacional da realidade institucional que tem, a priori, a finalidade de promover a proteção social e garantia de direitos.

3.3.7 Momentos importantes da pesquisa:

- **Inter-relacionais**
- **Teórico:** pesquisa teórica e revisão bibliográfica; neste momento o principal objetivo é buscar conceitos que exige maior aprofundamento, como por exemplo, a categoria gênero e violência contra as mulheres, as estratégias de enfrentamento à violência contra as mulheres.
- **Empírico:** a pesquisa de campo foi realizada por meio da coleta de dados por documentos institucionais, por entrevistas estruturadas individuais e em grupo para apreensão das percepções e atividades sobre o tema proposto.

3.3.8 Principal foco da pesquisa

Compreender a percepção de gênero dos profissionais do CRAS/NORTE, especificamente, na efetivação da proteção social especial à mulher no âmbito local na perspectiva de atuação em rede como estratégia interesse das políticas públicas.

3.3.9 Visando

- Identificando os significados contextuais todas essas técnicas foram tomadas a termo;
- Transcrição e categorização dos dados coletados;
- Compreensão;
- Sistematização;
- Análise dos dados para produção textual.

3.3.10 Coleta dos dados

- Fontes documentais;
- Escritas;
- Entrevistas;
- Oficinas.

3.3.11 Bases teóricas da metodologia

“Constituem fontes ricas e estáveis de dados” (GIL, 2002, p. 46), Spink (2000) permite identificar as principais concepções, mecanismo, público-alvo, fluxo de atendimento e os procedimentos propostos adotados para atendimento e encaminhamento, sendo fundamental para compreensão da abordagem e representação dos profissionais em face é a transversalidade de gênero e no enfrentamento à violência contra a mulher.

Os documentos possibilitaram compreender como se processa o trabalho processo a violência de gênero e suas demandas no âmbito institucional. Visando atender aos preceitos éticos e legais de uma pesquisa realizada com seres humanos, assim a pesquisa de Macilane foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, conforme resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e obteve a aprovação do Comitê de Ética da UFPI.

3.3.12 Cuidados:

- Resultando que estas técnicas citadas anteriormente não apresentaram riscos previstos relacionados à saúde física e mental dos participantes.
- Entrevista realizada, resguardando a privacidade e identidade dos participantes.
- O estudo não versa em torno do julgamento de valor sobre o discurso produzido na ocasião da aplicação dos instrumentos de pesquisas.
- Visando compreender a percepção de gênero destas sujeitas (no caso participaram somente profissionais do gênero feminino).

3.3.12 Resultado

Os dados apontaram a importância de incorporar a dimensão teórica e metodológica das perspectivas de gênero para a instrumentalização de políticas de enfrentamento à violência contra a mulher no tocante à percepção social especial a partir dos CREAS. Ressaltando que o atendimento especializado às mulheres, a partir da perspectiva de gênero, ainda precisa ser problematizado entre os pesquisadores da política pública, principalmente, no que se refere ao papel do Estado enquanto instrumento político e sociocultural, que deve contribuir para desconstruir atitudes que reforcem a naturalização da desigualdade de gênero e, conseqüentemente, práticas de violência.

Os processos sociais da construção e “normatização” do gênero, resulta na problematização do ser homem e do ser mulher, ao destacar as questões emblemáticas que influenciam na construção de corpos físicos e sociais (BUTLER, 2016). Sendo viável evidenciar como os mecanismos de constrangimento e opressão operam por meio da produção de corpos inteligíveis. Segundo Louro (1997), eles precisam corresponder a uma estética de gênero.

Fazemos gênero o tempo inteiro (CONNELL, 2015) somos fazedores de gênero. Desta maneira, o gênero serve para construir os corpos, sendo este uma máquina de produção em série de seres humanos. Se você tem pênis, é homem, se tem vagina é mulher, estas observações compreende um olhar heterossexual e heteronormativo, constituído por vários conjuntos de dispositivos sociais como: linguístico, religioso e educacional, se mantendo por meio da estrutura e da complexa engrenagem na afirmação de “ser” algo ou não “ser”.

De acordo com Berenice Bento (2011) vivemos em campos de demarcações, em que gênero se renova. De acordo com Connell:

Se a mudança nas relações de gênero é possível, então ela pode tornar-se o objetivo de ações sociais. Esta é uma definição simples de política de gênero – a luta para alterar a ordem de gênero ou para resistir a alterações. (CONNELL, 2015, p. 181)

O movimento feminista tem sido um importante movimento político, possibilitando campanhas e o desenvolvimento de políticas públicas que levam em consideração as teorias e os estudos de gênero, o que viabilizou novos avanços no conhecimento e manifestações das diversas formas de violência de gênero, proporcionando o crescimento teórico e prático por meio de políticas públicas para mulheres, visando novos olhares sobre os papéis atribuídos às mulheres a partir de suas condições sociais de existência.

As reflexões advindas do estudo desenvolvido por Macilane Gomes Batista foram relevantes e complementou meu interesse em compreender de fato como funciona a política de atendimento às mulheres vítimas de violência a ponto de detectar se de fato os profissionais responsáveis por esse atendimento possuem habilidades e competências em estudos de gênero, direitos humanos entre outras especialidades. A pesquisadora demonstra a necessidade do funcionamento articulado da Política Nacional de Assistência Social – PNAS e do Sistema Único de Assistência Social – SUAS para garantir e proteger os indivíduos e famílias em situações de vulnerabilidades e riscos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“E se educação é ‘ir para fora’ para encontrar o mundo e as coisas, haverá o momento de voltar para casa, mesmo que, como devires humanos, não sejamos mais os mesmos”.

Itamar Vieira Júnior.

Enveredar nos caminhos da pesquisa me transportou para muitos lugares e descobertas, ao mesmo tempo em que aprendia a acolher uma Érica, outra surgia com força, transbordando todo sabor que há em se autoconhecer, reconhecendo minhas potencialidades e fragilidades. Nesse percurso, muitas vezes senti medo, era como se estivesse imersa em labirintos, com/entre letras, textos e livros que me inquietava em múltiplos sentidos. Confesso que foi difícil emergir com meu próprio texto, fazer valer os devires da nova mulher Érica que volta para casa sendo outras.

No decorrer da pesquisa mudanças ocorreram em vários aspectos, contudo meus propósitos em compreender e estudar as violências de gênero, especialmente aquelas impetradas contra as mulheres. Reconhecemos que violência inclui diversos tipos de manifestações: violência física, psicológica, moral, patrimonial, sexual, intrafamiliar, doméstica e institucional. Existe ainda uma tipologia de violência apresentada no relatório mundial sobre violência e saúde que divide a violência em três categorias considerando quem comete o ato violento: violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva. (OMS, 2002)

Esta compreensão, situa-se nos estudos das problemáticas sociais, aqui descritas e analisadas nas dissertações, como parte da pesquisa bibliográfica que norteou a construção do banco de dados referente aos estudos de gênero no PPGS, através dos resumos e problemáticas identificadas, foi possível a construção dos sentidos e percepções dos estudos de violência de gênero e construção do gênero como conhecimento científico produzido no âmbito da linha de gênero, sexualidade e geração nos 10 anos de existência do PPGS.

O levantamento bibliográfico viabilizou a compreensão teórica e metodológica da pesquisa para revisar as principais teorias sobre gênero e violência de gênero. No segundo momento ocorreu a observação e organização de um conjunto de dissertações que foram analisadas de acordo com as turmas, desde a primeira turma até a oitava, sendo viável reunir um banco de dados com 79 resumos, para realizar um balanço das dissertações relacionadas aos estudos de gênero e suas problemáticas. Outro aspecto relevante do banco de dados, foi visualizar como esses estudos estão sendo pensados, planejados e executados no PPGS, através das orientações, discussões dos grupos de estudos e núcleos de pesquisa.

Os dados coletados para as tabelas e os resumos de palavras são referentes ao ano de 2014 a janeiro de 2021. Conseqüentemente, por meio do levantamento dos

dados foi viável destacar que existe uma diferença nas produções acadêmicas entre gênero e outras problemáticas. Contudo, tendo como referência o banco de dados com as 79 dissertações, ou seja, o valor total, quando foram organizadas as tabelas, tive que destacar somente os resumos que abordavam em suas temáticas gênero, violência de gênero ou que estavam ligados a linha de gênero, sexualidade e geração, porém somente 29 dissertações abordaram a temática, cerca de 36,7% aproximadamente.

Considerando que o PPGS através dos processos de seleção de turmas, seleciona alunos de áreas afins à sociologia, como direito, pedagogia, serviço social, moda, artes, a discussão e apropriação teórico-metodológica entre docentes e discentes contempla dimensões interdisciplinares, isso ficando evidente desde o planejamento das aulas, dos eventos locais e nacionais até os processos de desenvolvimento das pesquisas e de suas especificidades no contexto das orientações.

Os dados organizados em tabelas e em nuvens de palavras demonstraram como os docentes compartilham seus saberes e escolhas teóricas durante as aulas e no acompanhamento individual nas orientações. Percebe-se a frequência de autores chaves no que se refere a temática gênero, utilizando estas para fundamentarem os trabalhos de suas orientandas(o)s. Nesse sentido, é visível a permanência de alguns conceitos chaves presentes nas obras Scott (1995), Connell (2015, 2016), Saffioti (2004) e Butler (2016), mesmo concordando que elas são fundamentais para as discussões que abordam a temática gênero, violência de gênero, sexualidade e geração, as narrativas embora apresentem suas particularidades, pois analisam problemáticas diferentes, quando analisadas em conjunto potencializam repetições que atravessam as metanarrativas contidas nas dissertações.

Por outro lado, Butler (2003) e Beauvoir (1949) defendem a ideia de que, para além do sexo biológico, existe a construção social de performar enquanto homem ou mulher, as leituras das dissertações e suas problemáticas confirma essa questão. Antes mesmo de nascer somos educadas a seguir padrões vigentes na sociedade e isso vai ter um peso grande nas relações, que posteriormente se transformam em valorização do masculino e na inferioridade do feminino, acompanhadas da prática do sistema patriarcal assegurando a dominação masculina. Os lugares sociais de

homens e mulheres são segmentados e hierarquizados, expressando um modelo social de sociedade que potencializa as desigualdades sociais de superexploração do capital e da força de trabalho, especialmente das mulheres.

A subalternidade das mulheres é primordial para manutenção dessa sociedade patriarcal capitalista, misógina e sexista. Os dados do 15º Anuário de Segurança Pública do Piauí, revelam que 2020 foi o ano em que explodiu os casos de coronavírus no mundo e a população ficou mais tempo em casa devido à pandemia, houve aumento de pedidos de socorro contra violência doméstica no Piauí. Em 2019, foram 996 ligações. O número de 2020 representa um aumento de 117% em relação ao ano anterior. O anuário também destaca o crescimento de homicídios contra mulheres. Foram 61 em 2020 e 46 em 2019. No caso dos feminicídios, houve registro de 29 em 2019 e 31 em 2020.

Verificando os índices de violência contra as mulheres reafirmo a necessidade de investimentos no campo educacional para disseminar os estudos sobre gênero e educação sexual. Nesse sentido, considero que o PPGS através da produção intelectual de pesquisas dos discentes e docentes contribui de forma significativa para mudar a realidade das mulheres piauienses e teresinenses, desde aquelas que participam diretamente como pesquisadoras, como as demais que poderão acessar as dissertações, artigos e livros publicados. Além das famílias envolvidas nesse processo de emancipação intelectual das mulheres, através do acesso ao ensino superior e à pós-graduação. Eu manifesto que sou a primeira de minha família a conquistar esse direito. E para falar da nova Érica que o curso de Ciências Sociais, o mestrado de sociologia e os estudos de gênero fizeram renascer quero abrir outros caminhos, por enquanto como professora no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia – IEMA.

Esta experiência tem sido de grande enriquecimento educacional, social e interpessoal, porque fica longe de onde resido, aproximadamente 233 km de distância de Timon, é um desafio. Minha atuação profissional na cidade de Colinas-MA, é a amostra da realidade de muitos professores que têm de sair de suas cidades em busca de oportunidades de emprego, desta maneira, atualmente sou professora de Sociologia e da Disciplina de Projeto de Empreendedorismo e Corresponsabilidade

Social, do IEMA. Considero que a experiência tem me enriquecido e proporcionado autoconhecimento, pois é a primeira vez que preciso morar sozinha, o que causa uma tristeza tão profunda, a saudade de casa e dos meus familiares, é uma barreira a ser superada. Mas na vida para se alcançar objetivos às vezes é necessário “sacrifício”, o cansaço das viagens, o perigo das estradas, a falta de água, de alimento e a saudade de casa, isto é, apenas o início para um futuro desconhecido e cheio de sonhos a serem conquistados

Meu papel como profissional da educação é refletir criticamente acerca das desigualdades entre homens e mulheres, seus papéis e suas performances, permitindo assim a ruptura do ciclo vicioso das várias formas de violências. Convém proclamar que a violência doméstica e familiar não é um fato isolado, mas algo que está imbricado na sociedade em que vivemos e se reflete nas relações sociais. Incluir a escola e os profissionais de educação no papel de desconstrução dessa realidade é uma urgência para quebrar as estruturas de dominação e as desigualdades de gêneros.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; MALUF, Sônia Weidner. **O movimento feminista brasileiro na virada do século XX**: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. Revista Estudos. 2011. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Atlas da violência 2020. Brasília: IPEA; FBSP, 2020. Disponível em: <http://https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488&Itemid=432>. Acesso em: 18 jun. 2022.

BARBIERI, Valter. **Condicionamento climático da produtividade potencial da cana-de-açúcar (Saccharum spp.)**: um modelo matemático-fisiológico de estimativa. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.1993.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero**: a construção de um campo teórico e de investigação. *Sociedade e Estado* 29, p. 449-469, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016, 229p.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, ed. 2, 1980.

BENTO, Berenice. **A reivindicação do corpo**: sexualidade na experiência transsexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256 p.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres da Previdência Pública. **Lei Maria da Penha Lei nº 11.340/2006**-conheça a lei que protege as mulheres de violência doméstica e familiar. Brasília. Disponível em <http://www.compromisso e atitude.org.br/wp-content/uploads/2012/08/SPM-publicação-lei-Maria-da-Penha-edição-2012.pdf>. Acesso em: 01 set. 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**: introdução a uma sociologia reflexiva. 1999.

BUTLER, Judith. **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 153-173.

CÂMERA, Rosana Hoffman. **Análise de conteúdo**: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Revista institucional de psicologia,6(2) jul-dez, 179-191. 2013.

CASTRO, Carla Ten Jua de; CARVALHO, Inald kelve Nobre de; VAZ, Natacha Amado. **São Tomé e Príncipe**: Vícios da Sentença e Temas de Direito da Família e das Crianças. CEJ, 2020.

CONNELL, Raewyn. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: Versos, 2015.

CONNELL, Raewyn. **Gênero**: Em termos reais. São Paulo: Versos, 2016.

DA SILVA, Joasey Pollyanna Andrade; DO CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. **As quatro ondas do feminismo**: lutas e conquistas. Revista de Direitos Humanos em Perspectiva. 2021, 7.1: 101-122.

- DE ALBUQUERQUE, Afonso. **Um outro "Quarto Poder"**: imprensa e compromisso político no Brasil. *Revista Contracampo*, 2000.
- DE OLIVEIRA COSTA, Albertina. Betty Friedan (1921-2006). *Revista Gênero*, 7.1, 2006.
- DERATHÉ, Robert. **O Racionalismo de Jean-Jacques Rousseau**. *Cadernos de Educação*, 2012, 41.
- GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 64-89.
- GROSSI, M. P. **Feministas históricas e novas feministas no Brasil**. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis: PPGAS, n. 28, p. 284-307, 1998.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de fazer pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 12º ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- KIMBERLÉ, Crenshaw. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. University of California, Los Angeles. 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.
- LUGONES, L. G., et al. **The SC15 protein of Schizophyllum commune mediates formation of aerial hyphae and attachment in the absence of the SC3 hydrophobin**. *Molecular microbiology*, 53.2: 707-716, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O artigo qualitativo em foco**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, p. 2326-2326, 2016.
- MENEGHEL, Stela Nazareth; MARTINI VIAL, Sandra Regina. **Rotas críticas: mulheres enfrentando as violências**. Athenea Digital. *Revista de Pensamento e Investigação Social*. Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha, n.14, p. 199-213, 2008.
- PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In ALMEIDA e SZWAKO. *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie & Cristóvão Domingos de Almeida & Joel Felipe Guindani. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* Ano I - Número I - Julho de 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SCOTT, Joan. "**Gênero**: uma categoria útil de análise histórica." Educação & realidade 20.2 1995.

SARDENBERG, Cecília. **Negociando gênero em desenvolvimento**: os feminismos brasileiros em destaque. *cadernos pagu*, 2018.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação Brasília: Brasil.155 p. 2021.

SPINK, Mary Jane. **Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: Aproximações teóricas e metodológicas. 1 ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Sociais, 2013.

TELES; Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense. 2003.

WALKER, Lenore E. **The battered woman**. Harper & Row. 1979.

REFERÊNCIAS - PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Aguiar, Poliana dos Santos. **Caminhos e descaminhos da convivência familiar**: um estudo na instituição de acolhimento casa dom Barreto. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2015.

Leite, Carolina Alves. **Mães empoderadas**: a maternidade em grupos de apoio a mães em Teresina. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2017.

Alves, Jullyan Teixeira. **Rompendo armários**: a experiência profissional de trabalhadores administrativos LGBT+ em ambientes universitários. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2021.

Andrade, Luciana Farias de Araújo. **(Des) iguais na diferença**: a formação técnica das alunas do Instituto Federal- Campus Teresina Central. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2015.

Barbosa, Marcela Castro. **Primeiro as flores, depois as cruzadas**: descortinando a violência conjugal na vida de mulheres e dos filhos em Teresina-PI. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2015.

Clara, Maria Fernandes Silveira. **Conforme a ordem de gênero muda, novas trajetórias se tornam possíveis**: homens trans em Teresina -PI. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2021.

Caroline, Ana Reis de Almeida. **O gênero na violência sexual contra meninas:** relatos processuais da comarca de Codó MA. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2020.

Caroline, Erika Porto de Goiás. **Velhice e masculinidades:** um estudo de representações sociais entre homens idosos participantes de grupos de convivência. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2018.

Costa, Thayná de Moraes. **Violência contra mulheres no webjornalismo de portal:** da banalização a violência metalinguística. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2016.

Eduardo, Lucas da Silva Melo. **Envelhecer puta!:** um olhar etnográfico para o envelhecimento do corpo prostituído. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2021.

Egas, Tayná Costa. **No tempo do ensino médio o armário era mais apertado do que hoje experiências de mulheres lésbicas no ensino privado de Teresina -PI.** Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2019.

Gomes, Macilane Batista. **Gênero violência contra mulher e a assistência social:** percepção de gênero dos profissionais do centro de referência social- CREAS no atendimento às mulheres em situação de Violência em Teresina -PI. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2018.

Jackeline, Suziane Gomes Santos. **"Não quero ter mais filhos":** relações de gênero na trajetória de mulheres laqueadas. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2019.

Jesus, Maria de. **Família lesboafetiva:** descortinando as relações de gênero e sexualidade entre mulheres. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2016.

Kallen, Vivian Batista de Carvalho. **Gênero e sexualidades no contexto da escola:** a produção de sentidos das práticas discursivas. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2019.

Kelly, Jahyara de Oliveira Sousa. **Perspectivas de mulheres em situação de violência doméstica e familiar nas rotas críticas em Teresina-PI.** Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2017.

Lima, Liana Gonçalves Azevedo. **As ambiguidades da participação feminina no tráfico de drogas**: o discurso de mulheres sentenciadas em Teresina-PI. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2017.

Lopes, Vanda Cambé. **Mulheres em situação de violência doméstica em São Tomé e Príncipe**. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2021.

Maria, Verônica Silva Pereira. **Que pode o corpo negro e periférico? (R) existência de jovens mulheres na Universidade Federal do Piauí (UFPI)**. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2021.

Pinheiro, Maria Sousa. **Violência de gênero**: os significados produzidos por mães/responsáveis sobre o abuso sexual intrafamiliar infanto-juvenil feminino. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2018.

Ramalho, Samira Ribeiro de Souza. **Gênero e sexualidade**: discursos de mulheres feministas sobre a pornografia. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2018.

Rodrigues, Adriana Oliveira. **Parentalidade em tempos de judicialização**: filiação e cuidado nos discursos jurídicos. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2014.

Sampaio, Fernando da Silva. **Projetos de gênero na mídia caxiense**. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2014.

Silva, Iara Evangelista. **“Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”**: rotas críticas de mulheres que romperam o ciclo de violência. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2018

Sousa, João Wallace Linhares. **O efeminado os outros**: diferença e discriminação em espaços de sociabilidade e LGBT de Teresina -PI. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2015.

Valéria, Alba de Sousa Batista. **Atendimento a mulheres em situação de Violência doméstica no hospital de Urgência de Teresina -PI**. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2018.

Victor, João Mendes Carvalho. **Louvai a Deus com danças**: um estudo de gênero sobre a participação masculina na dança litúrgica. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2021.

Weriques, Francisco Silva Sales. **Ao nosso ver é a felicidade "é a liberdade":** binarismo de gênero e heteronormatividade em sociabilidades juvenis numa escola Teresinense. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí UFPI. 2018.

REFERÊNCIAS – PESQUISA DOCUMENTAL

Violência Política Contra a Mulher – Relatório 2020-2021. Transparência eleitoral Brasil-Brasília-2021.

Relatório disponibilizado pela Secretaria de Segurança Pública. Atualização e a consolidação das vítimas de femicídio no ano de 2020 a 19 de abril de 2021.

Relatório disponibilizado pela Secretaria de Segurança Pública do estado do Piauí (SSP/PI).

RELATÓRIOS DO PPGS:

<https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=614>

<https://sucupira.capes.gov.br/>